

Notas do Divino na música popular

Candido Grzybowski

Carlos Alberto B. Calvani

Carlos Alberto Rodrigues Alves

Emir Sader

José Lima Jr.

Luiz Carlos Ramos

Nancy Cardoso Pereira

Rogério Ferreira do Nascimento



Insatisfeito com a “grande imprensa”?

Cansado de abordagens superficiais e sensacionalistas?
Achando jornais e revistas muito parecidos – exceto pelo nome?
Então você está sentindo falta de **TEMPO E PRESENÇA** – uma
alternativa à padronização e à banalização da mídia atual.



TEMPO E PRESENÇA é uma revista bimestral editada por KOINONIA Presença Ecumênica e Serviço, uma entidade sem fins lucrativos sediada no Rio de Janeiro. Nossa revista tem como objetivo produzir e divulgar análises dos panoramas sociopolítico, econômico, cultural e religioso, nos planos nacional e internacional, numa perspectiva ecumênica. Editada desde 1979, TEMPO E PRESENÇA mantém um público fiel e numeroso abordando de maneira corajosa temas atuais e relevantes. TEMPO E PRESENÇA respeita e valoriza a multiplicidade de vozes e olhares, publicando textos de acadêmicos, artistas, líderes comunitários, ativistas e religiosos, entre outros.

KOINONIA PRESENÇA ECUMÊNICA E SERVIÇO
Setor de Distribuição
Rua Santo Amaro 129 Glória
22211-230 Rio de Janeiro RJ
Tel/fax (21) 2224 6713
koinonia@koinonia.org.br
www.koinonia.org.br

Revista bimestral de KOINONIA
Março/abril de 2003
Ano 25 nº 328

KOINONIA Presença Ecumênica
e Serviço

Rua Santo Amaro, 129
22211-230 Rio de Janeiro RJ
Tel/fax (21) 2224-6713
koinonia@koinonia.org.br
www.koinonia.org.br

CONSELHO EDITORIAL

Emir Sader
Francisco Catão
Gilberto Barbosa Salgado
Joel Rufino
Luís Henrique Dreher
Maria Emilia Lisboa Pacheco
Maria Luiza Rückert
Sérgio Marcus Pinto Lopes
Yara Nogueira Monteiro
CONSELHO CONSULTIVO
Carlos Rodrigues Brandão
Ivone Gebara
Jether Pereira Ramalho
Jurandir Freire Costa
Leonardo Boff
Luiz Eduardo Wanderley
Rubem Alves

EDITOR

Zwinglio M. Dias
(conforme convênio de 6/12/2002 com
a Universidade Federal de Juiz de Fora)

EDITOR ASSISTENTE INTERINO
E JORNALISTA RESPONSÁVEL

Flávio Lenz
Mtb 13193

EDITORA DE ARTE
E DIAGRAMADORA
Anita Slade

COPIDESQUE E REVISÃO
Carlos Cunha

SECRETARIA DE REDAÇÃO
Mara Lúcia Martins

CAPA
Ilustração de Martha Braga

PRODUÇÃO GRÁFICA
Roberto Dalmaso

FOTOLITOS
GR3

IMPRESSÃO
Reproarte

Os artigos assinados não traduzem
necessariamente a opinião da Revista.

Preço do exemplar avulso
R\$ 3,50

Assinatura anual
R\$ 21,00

Assinatura de apoio
R\$ 28,00

Assinatura/externo
US\$ 50,00

ISSN 0103-569X

KOINONIA

Eles venceram?

6

NOTAS DO DIVINO NA MÚSICA POPULAR

SAMBÊNÇAO

Música popular – uma forma de oração

7

Carlos Alberto B. Calvani

PROSEIO

O sagrado segundo os violeiros

12

Carlos Alberto Rodrigues Alves

SEDUÇÃO

“Cantando eu mando a tristeza embora...”

15

Nancy Cardoso Pereira

ALTERNÂNCIA

Amor e ódio à religião na música popular

19

Luiz Carlos Ramos

PROVOCAÇÕES

Omelete: Mistério, Paixão e Beleza

23

José Lima Jr.

DESOPRESSÃO

**Pentecostais: sons e música
na celebração da fé**

27

Rogério Ferreira do Nascimento

TEOLOGIA

Rezas de sentido: memória e saudade

30

Ivone Gebara

HEGEMÔNIAS

A luta antiimperial hoje

32

Emir Sader

TESTEMUNHO

Como meu neto vai enfrentar esta?

36

Cândido Grzybowski

DIGNIDADE HUMANA E PAZ

Para superar a violência

38

ÍNDICE DE TEMPO E PRESENÇA

Índice 2002

40

Em todos os tempos e em todas as culturas

a música tem sido parte essencial da experiência religiosa. Não importa qual. Isto porque ambas se originam das dimensões abissais, misteriosas e inefáveis, da vivência humana. Não é fortuito, portanto, que significativo número de grandes pensadores religiosos, filósofos, teólogos, místicos e líderes de movimentos religiosos de variada espécie tenha tido uma relação muito particular com o mundo da arte musical. Ou foram músicos ou buscaram na música e na vida de grandes músicos inspiração para sua própria experiência com o divino. No interior do Cristianismo isto é uma obviedade. Martinho Lutero, o grande líder do movimento que deu origem ao Protestantismo no século XVI, segundo um de seus estudiosos, julgava que nenhuma arte tinha mais afinidade com a teologia do que a música. Músico ele próprio, introduziu em sua reforma litúrgica do culto cristão o canto coral da congregação e afirmava não acreditar que alguém, destituído do dom para a música, pudesse vir a ser bom educador ou pastor.

Cientes de tão profunda correlação os articulistas desta TEMPO E PRESENÇA procuraram refletir, comentar e analisar as muitas maneiras pelas quais a encantada dimensão do Sagrado, profundo e misterioso, se faz presente na poética musical da multiforme Música Popular Brasileira. São leituras teológicas e socioantropológicas que procuram resgatar a importância da simbólica religiosa no coração da riquíssima arte musical de nosso povo, ao mesmo tempo em que revelam o descompasso de grande parte de nossas instituições sociais e igrejas com o sentido profundamente humano da vitalidade musical, ritmicamente forte de milhões de pobres de nosso país que com o canto não apenas expressam seu sofrimento e dor mas revelam, também, sua profunda alegria e reverência pela vida.

Outras dimensões mais específicas do enraizamento cultural-religioso da MPB, infelizmente, não puderam ser contemplados nesta edição. Referimo-nos à forte expressão musical das Comunidades Eclesiais de Base e do Catolicismo tradicional, principalmente o das festas populares, assim como a vigorosa manifestação rítmica e poética dos Cultos afro-brasileiros. Estes, de modo particular, por sua recorrente presença no cotidiano musical de nossa gente. Ficamos devendo esta ampliação do tema.

No quadro internacional consolidou-se o que já se esperava: as tropas da coalizão britânico-norte-americana ocuparam o Iraque e o governo Bush já começa a dar seqüência a sua estratégia de re-ordenamento das relações regionais no Oriente Médio sob a égide da pax americana. O projeto imperial é claro. Mas torna-se também evidente o processo de reorganização da resistência, agora em escala mundial, as suas pretensões de hegemonia absoluta. As contínuas manifestações antibélicas em todo o mundo e o flagrante rechaço da presença norte-americana e britânica no Iraque como os esforços de reconstrução da Organização das Nações Unidas sinalizam que os conflitos com as pretensões imperiais dos atuais ocupantes da Casa Branca apenas começaram.

É isso aí.

KOINONIA é uma instituição ecumênica assim como ecumênica é a alegria, a paz, a construção, a liberdade e também a tristeza, o medo, a destruição, o esmagamento da vida. No conjunto dos servidores, KOINONIA tem representantes dos que crêem (católicos, protestantes e outros) acima de tudo, no Deus da Vida, da Justiça e da Paz, e ainda representantes de entidades ecumênicas e do movimento social. Pela solidariedade e pela dignidade; contra quaisquer expressões da exclusão e da submissão humana, KOINONIA (em grego, comunhão) afirma seu compromisso radical ecumônico e quer fazer-se sempre presença e serviço.

Biblioteca - Koinonia

Cadastrado

Processado

CARTAS

Em primeiro lugar, gostaria de lhes pedir desculpas por não responder às cartas enviadas anteriormente, solicitando a renovação de assinatura da revista; trabalhos e estudos têm me impossibilitado de fazer várias atividades, inclusive esta.

Eu tinha ciência de que a assinatura anual da revista TEMPO E PRESENÇA já tinha extrapolado o prazo desde o ano passado mas, infelizmente, a minha situação financeira não me permitiu nem ao menos fazer a renovação em tempo hábil. Aos poucos quero me restabelecer e voltar a fazer parte dos bons leitores da revista que aborda temas tão atuais e relevantes, principalmente, para nós militantes dos segmentos religiosos e/ou sociais com que comungamos e temos compromisso radical por mudanças que o mundo precisa, como o ecumenismo, já a partir da comunidade a que pertencemos; aliás, foi o que permeou a 2ª Jornada Ecumônica, a qual foi um dos maravilhosos eventos de que tive a felicidade de participar no ano de 2002.

Retorno a renovar a assinatura anual da revista que já faz parte da minha leitura oficial desde 1989. Mas, retorno, também, à equipe que constrói a revista um pedido, que considere a assinatura no prazo normal, pois desejará receber a edição 326, de novembro/dezembro de 2002 e, assim, não interromper a coleção que eu mantenho.

Que neste ano os compromissos sejam renovados, os desafios sejam superados e que Deus, luz da caminhada, abençoe a toda a equipe que tra-

balha na estrutura da entidade KOINONIA, bem como seus colaboradores. E, citando d. Hélder Câmara, quando coloca que "o segredo da eterna juventude é dedicar a vida a uma causa", que a equipe continue assim jovem para que renovados, renovem a causa pela construção do bem comum, comungando a união entre os povos.

André Luiz Bastos de Freitas

Feira de Santana/BA

Sou leitora da preciosa revista TEMPO E PRESENÇA, quero parabenizar a equipe editorial, e dizer da importância deste material para a formação e informação dos tantos agentes sociais e pastorais, deste imenso país, que aprecia e é consumidor desta boa leitura.

Participei da segunda Jornada Ecumônica, realizada em Mendes/RJ, no período de 11 a 14 de julho/2002. E assim fiquei sabendo que o próximo número da TEMPO E PRESENÇA iria trazer todo o resumo, do que foi a jornada. Então, gostaria muito de poder obter esse material. Pois só tenho acesso à revista quando vou à minha paróquia de origem, que infelizmente fica distante de onde moro atualmente.

Maria Auxiliadora Dantas

Campina Grande/PB (por e-mail)

Obrigada por me cobrarem a assinatura de TEMPO E PRESENÇA. Minha vida esteve muito tumultuada e muita coisa ficou para trás, entre as quais o aviso de vocês. Nesse meio tempo o envelope com a etiqueta também desapareceu. Mas agora eu quero renovar minha assinatura e ainda dar uma

de presente para a nossa querida pastora Cibele Kuss. Aqui vão as fichas de ambas preenchidas.

Rosa Marga Rothe

Belém/PA

Em primeiro lugar quero pedir desculpas pelo meu atraso em fazer a renovação da assinatura de TEMPO E PRESENÇA. Também quero pedir desculpas por não ter até o momento realizado a minha renovação.

Acontece que eu faço uma especialização na área da Psicologia em Belo Horizonte e a cada vez que vou lá, fico 15 dias.

As correspondências que vocês me enviaram, nunca deu certo de eu respondê-las a contento: atender e antecipar alguns atendimentos; e quando eu retorno, tenho que repor os atendimentos não realizados, sem contar com as aulas que tenho que repor, uma vez que uma amiga da escola cobre as minhas faltas dobrando as aulas dela.

Então, somando tudo isso, deu no que deu. Mas cá estou enviando o dinheiro para a minha assinatura. Farei esforço para não me atrasar mais.

Raul José Biffi

Marília/SP

Estamos lhes enviando o comprovante de renovação da revista – desculpemos o atraso, pois venceu em 12/02.

Reconhecemos o alto valor da revista e por isso estamos renovando a assinatura para 2003. Desejamos-lhes todo o êxito nos trabalhos que realizam.

p/ Missionárias de Jesus Crucificado

Maceió/AL

Eles venceram?

Os acontecimentos pós-11 de setembro de 2001 colocaram com mais vigor na ordem do dia o tema estabelecido pelo movimento ecumênico internacional no ano 2000 como força mobilizadora nos próximos dez anos: a década ecumônica para a superação da violência.

Uma das primeiras reações ecumênicas ao 11 de setembro veio das lideranças religiosas mais expressivas dos Estados Unidos. Em um manifesto logo após os atentados, elas repudiavam os ataques terroristas e alertavam contra o que já se delineava como reação de George W. Bush e de parte da população americana. Intitulado *Deny them their victory* ("Neguem-lhes a vitória"), o manifesto afirmava que provavelmente os terroristas se sentiam vitoriosos pelo impacto político, econômico e moral que haviam causado. Ao mesmo tempo, o manifesto indicava que a derrota dos terroristas teria que vir por meio da reafirmação dos valores comunitários de tolerância, compaixão, justiça e da sacralidade da vida, contra os frutos da divisão, do ódio e da violência.

Era um chamado à razão. E as condições para uma reação mais racional e de acordo com valores humanistas estavam dadas. O mundo estava chocado por aqueles acontecimentos, e os setores mais diversos da opinião pública mundial expressavam, tanto por meio de manifestações políticas quanto religiosas, sua solidariedade e simpatia pelo povo americano. Os terro-

ristas estavam politicamente isolados e moralmente condenados.

Passados quase dois anos há uma pergunta ainda sem resposta: os terroristas venceram ou não?

Em geral, atos terroristas têm o objetivo de fazer propaganda de uma causa e forçar o suposto inimigo a mostrar o pior lado de seu caráter. Não se sabe se esses eram os objetivos dos atentados, mas é possível sugerir que os ataques aos símbolos do poder econômico e militar dos Estados Unidos atingiram seus propósitos.

Nunca o Islam e as relações do Ocidente com o Oriente Médio, sua história, relações sociais e religiosas despertaram tanto interesse no Ocidente, fora do pequeno círculo de especialistas e acadêmicos, como agora.

Ao mesmo tempo, nunca um governo americano havia exposto o lado imperialista, totalitário e intolerante dos Estados Unidos com tanta clareza. Em menos de dois anos, Bush restringiu garantias constitucionais, fortaleceu o aparato político-repressivo, limitou o devido processo legal com leis que permitem a prisão de suspeitos por tempo indeterminado e sem acesso a seus familiares ou advogados. Estabeleceu-se no país um estado policial de segurança nacional. No plano externo, Bush ignorou a opinião pública mundial (inclusive de parcela importante da sociedade americana), violou todos os códigos de convivência entre os países ao ignorar a ONU e seus mecanismos legais de resolução de conflitos, estabeleceu o poder uni-

lateral como norma nas relações internacionais e testou sua nova teoria de guerra preventiva. Tudo isso justificado por uma visão política e religiosa fundamentalista.

Bush e Bin Laden podem se dar as mãos. Ambos são vitoriosos.

Aqui cabe uma nova pergunta. Quão durável será essa vitória? Não se sabe, mas a única superpotência do planeta terá que lidar com o que o *New York Times* chamou de "a outra superpotência mundial", a única que conseguiu enfrentar os Estados Unidos e impor-lhe uma derrota política; a opinião pública mundial e sua capacidade de mobilização pela paz. Bush ganhou a batalha militar, mas perdeu a luta política e psicológica. Tudo indica que somente a pressão permanente dessa "outra superpotência" terá condições de forçar os governos nacionais a se colocarem ao lado da ética e contra a barbárie.

Nessa luta, o movimento ecumênico, além de seu apoio e participação nas diversas iniciativas da sociedade civil, tem uma contribuição específica a dar que é a luta contra toda e qualquer intolerância religiosa, entendida esta também como uma forma de violência. Não podemos nos esquecer que os dois lados do conflito atual usam o discurso religioso para justificar suas ações. Nunca a experiência ecumênica de mais de um século de diálogo e contra a intolerância adquiriu um caráter eminentemente político como agora. Nunca, como agora, os desafios foram tão grandes.

Música popular – uma forma de oração

Carlos Eduardo B. Calvani

"Mistério sempre há de pintar por aí" arrasta o leitor para o "fica conosco porque já é tarde e a noite se aproxima". São expressões de amor-angústia-solidão a permear tantas canções de cantores-profilas os quais, a despeito de radicais e espertalhões não deixam apagar-se a presença do Sagrado que tem fortalecido todos os rebeldes apaixonados, uma vanguarda profética. Não se calaram quando todas as opressões quiseram sufocá-los

A canção popular pode ser uma forma de oração 'não-intencional', composta daquelas palavras que não somos nós que dizemos. Elas se dizem sozinhas. E ao se dizerem, ao jorrarem do nosso interior, mostram a verdade que habita em nós, revelam nosso desamparo, nostalgia, nossos sonhos e ideais. São palavras que surgem inesperadamente, tais como suspiros e falam do ar frio das montanhas e da escuridão dos abismos que nos envolvem.

Talvez por isso, as mais belas orações bíblicas sejam também as mais curtas. Compostas de frases breves como o Pai Nossa, ou de pequenas sentenças tais como: "Senhor, por que me desamparaste?" "Pai, perdoa-lhes porque não sabem o que fazem..." São suspiros que comprovam aquilo que Elliot dizia com muita propriedade: "Temos conhecimento de muitas palavras, mas total ignorância da Palavra" – aquela Palavra com "P" maiúsculo, pronunciada com toda a paixão do corpo e da alma. Aquela Palavra pronunciada em forma de poesia e que também recebe o nome de oração. Fernando Pessoa dizia que é no silêncio que existe no intervalo entre as palavras que se ouve a voz de um Ser qualquer alheio a nós, que nos fala. O nome desse Ser não importa. Todos os nomes são metáforas para o grande Mistério inominável que nos envolve.

O evangelho de Lucas nos mostra o exemplo de uma das mais belas orações não-intencionais já registradas: "Fica conosco, pois já é tarde e a noi-

te se aproxima". Aqueles que a pronunciaram não sabiam que estavam diante do Cristo ressuscitado. Todos nós conhecemos essa narrativa. Eram dois simpatizantes de Cristo, que voltavam para Emaús após a morte de Jesus. Eles ainda não sabiam da ressurreição de Cristo. O texto nos diz qual era sua situação: eles estavam tristes e desanimados ("com o rosto sombrio" – v. 17); estavam frustrados e decepcionados com a religião de sua época ("nossos sacerdotes e líderes religiosos o entregaram à morte" – v. 20); e, finalmente, o texto deixa bem claro, que no momento em que pronunciaram aquela frase que revelava seu desejo mais profundo: "Fica conosco, pois já é tarde e a noite se aproxima", eles não sabiam que estavam diante do Cristo Ressuscitado.

Há muitas semelhanças entre esses fatos e a experiência de muitas pessoas hoje em dia, notadamente artistas, poetas e músicos. Muitos deles revelam em suas poesias, canções, obras de arte, um anseio enorme por transcendência, por auto-integração, por comunhão com o mistério. Há orações belíssimas em forma de canção, poesia e literatura. Assim como também há belíssimas orações não-conscientes em forma de pintura. Aqueles quadros em que as gravuras, formas geométricas ou o espetáculo das cores envolto por um grande vazio, dizem tudo. E como dizia Vinícius de Moraes, no "Samba da Bênção": "Um bom samba é uma forma de oração".

Há orações belíssimas em forma de canção, poesia e literatura. Assim como também há belíssimas orações não-conscientes em forma de pintura

Como eles, muitos de nós às vezes nos sentimos tristes e sem motivos para nos alegrarmos. Principalmente em nossos dias quando tanta coisa vai mal, é comum caminharmos cabibaios e de rosto sombrio. Nossa destino parece ser o mesmo deles: o passado, o retorno à velha vida. Mas eis que de repente, em meio a esses sentimentos sombrios, repetimos um refrão tal como *por isso uma força me leva a cantar, / por isso essa força estranha no ar, / por isso é que eu canto, não posso parar, / por isso essa voz tamanha*. Isso nos enche de vitalidade, nos faz crer que a vida realmente pode ser diferente. E tentamos perpetuar esse momento. “Fica conosco, doce música, pois é tarde e a noite se aproxima...” Ah! que seria de nós sem aquelas canções que embalam nossa dor e nossa tristeza, e ao fazerem isso as tornam mais leves? Nesse momento a canção é uma oração.

Como aqueles discípulos, muitos de nós nos sentimos decepcionados com a religião de nosso tempo. Com o fato de tantos líderes religiosos sufocarem a mensagem de Cristo e esconderem-na atrás de mensagens institucionais; com o fato de os líderes religiosos serem às vezes tão dogmáticos, tão absolutamente certos, tão seguros de si mesmos. E o pior: independentes da religião que sigam, todos mostram sua devoção a Deus criticando a religião alheia, ridicularizando e diminuindo as outras formas de crença, e, se bobearmos, não hesitarão em

provar o seu amor por Deus matando os que são diferentes. E nessas horas lembramo-nos da canção do Cazuza: “Vamos pedir piedade, Senhor, piedade, / pra essa gente caretinha e covarde.../ lhes dê grandeza e um pouco de coragem”.

Além disso, tal qual aqueles discípulos, muitas pessoas também não conseguem perceber a presença de Deus em meio aos pequenos sinais do dia-a-dia. Durante toda a caminhada de tristeza, Cristo estava presente, mas não foi reconhecido. Eles estavam tão negativos e amargurados que não foram capazes de reconhecer o Cristo ressuscitado. Mas aquela presença misteriosa de algum modo os abalou a ponto de pedirem: “Fica conosco, pois já é tarde e a noite se aproxima”. E nesse momento me recordo da canção: Não adianta nem me abandonar,/ porque mistério sempre há de pintar por aí...

Durante toda a caminhada Deus estava presente. E à medida que eles foram se sensibilizando mais com as palavras expostas por Cristo, foram se reencantando, experimentando o poder de uma presença graciosa que os fez orar, sem saber que estavam se dirigindo ao Ressuscitado: “Fica conosco, pois já é tarde e a noite se aproxima”.

Esse texto nos ensina a possibilidade de encontrar Deus nos caminhos da vida: num bom livro de poesia; numa audição de canto coral; na harmonia de um oratório de Vivaldi; ou na simplicidade de uma legítima canção de MPB. São obras de arte que expressam nossas aspirações e é por isso que nos encantam. Tudo aquilo que nos encanta e nos fascina, que nos deixa boquiabertos, que nos faz aplaudir, que nos induz a perpetuar aquele momento, nada mais é do que uma oração que atingiu as palavras adormecidas em nós, os anseios mais profundos do nosso coração.

A MPB é bastante rica no trato com a religiosidade. Em algumas canções o tema religioso é explícito, evidente, a letra está carregada de palavras de cunho religioso; em outras, é subliminar, mas em todas, sem dúvida, o sentimento religioso está presente.

Comecemos, por exemplo, com Chico Buarque. Na sua produção artística o cotidiano desprovido de beleza é denunciado como asfixiante em sua repetição constante. Basta lembrar da canção em que *toda dia ela faz tudo sempre igual...* Nesse cotidiano marcado pela superficialidade, pelo tédio, a arte surge como elemento revigorante. Esse é o caso de *Valsinha*, em que um misterioso personagem transforma a vida de uma mulher quando a convida para dançar. Entregando-se ao prazer da dança, ela redescobre a beleza sufocada pelo peso do cotidiano.

Além desse aspecto, na produção de Chico Buarque a música também tem uma clara função de denúncia política. *Apesar de você* é um hino que deveria estar inserido no hinário de qualquer igreja. É excelente para revigorar a esperança dos abatidos. É uma canção de conforto, consolo e esperança, uma afirmação de fé em estilo apocalíptico diante do mal presente no mundo, do princípio das trevas: *Hoje você é quem manda, / mas amanhã há de ser outro dia*.

Outro exemplo é *Pedaço de mim*, canção que fala de saudade, ausência e necessidade de preencher o vazio deixado pelo ser amado com sinais simbólicos que nos remetem àquele que já não está presente. O tema é tipicamente eucarístico. De certo modo, os evangelhos e demais textos do Novo Testamento nasceram assim: são escritos de saudade, tentativas de preencher o vazio deixado pelo Cristo, textos formulados por pessoas que estavam

Tudo aquilo que nos encanta e nos fascina, que nos deixa boquiabertos, que nos faz aplaudir, que nos induz a perpetuar aquele momento, nada mais é do que uma oração que atingiu as palavras adormecidas em nós, os anseios mais profundos do nosso coração

arrumando o quarto do ente querido que partiu.

Finalmente, Chico tem uma canção belíssima chamada *Geni e o zepelim* que eu apenas cito como um desafio a vocês. Ouçam-na tendo em mente a doutrina da expiação, o tema da história da salvação – o pecado e a redenção.

Em Caetano Veloço a música também é invocada para exorcizar o tédio e a tristeza. Na famosa *Podres pode-*

res ele chega a utilizar o verbo ‘salvar’, tipicamente religioso, para falar dos *hermetismos pascuais, os tons, os miltons, / seus sons e seus dons geniais*, os únicos capazes de nos salvar dessas trevas. É o mesmo tema de *Desde que o samba é samba*: “Solidão apavora... / mas alguma coisa acontece no quando, agora em mim, / cantando eu mando a tristeza embora.”

Quem não se lembra também de *Força estranha*, composta por Caetano, mas cantada por Roberto Carlos? Nela, o compositor reflete sobre o mistério do tempo, companheiro constante de todo ser humano em sua existência terrena. Na segunda estrofe, Caetano investe no tema da transformação do tempo cronológico em momento de contemplação. Isso se dá quando ele exercita o olhar contemplativo, repleto de admiração, sobre o processo de gestação de uma nova vida, “amiga da arte”, no ventre da mulher. O refrão nomeia os mistérios que envolvem a vida, conceitualizados na imagem de

uma “força estranha no ar” que o leva a cantar e a descobrir um inexplicável potencial na voz como veículo de expressão desses mistérios indecifráveis que residem na simplicidade da vida.

Gilberto Gil talvez seja o compositor mais interessado em articular conscientemente a temática religiosa em suas composições. Na sua obra, a arte, além de bálsamo, é também expressão privilegiada para referir-se ao mistério do ser. *Metáfora*, por exemplo. Deus é exatamente essa lata do poeta, onde tudo e nada cabem. Em uma canção intitulada *Baião*, Gil revela muito da inspiração do compositor popular, confirmando o que dissemos anteriormente: o baião enquanto expressão artística vem das profundidades. Nessa canção, Gil reflete sobre a procedência da música e conclui que sua fonte está nas insondáveis profundezas do inconsciente. A canção é baseada na imagem de um baile onde as pessoas que dançam ao som do baião são como que tomadas, possuídas, por uma força misteriosa *que sobe pelos pés da gente*. A segunda estrofe relaciona a vitalidade da dança à energia divina. Aqui, o próprio Deus é o maestro da orquestra e compositor-mor, que inspira as danças populares (baião, xaxado e xote) produzindo alegria.

A última parte da canção aproxima-se de um símbolo constante na teologia de Tillich: a força espiritual que emerge das profundezas. Na canção, esse poder atinge os pés, provoca a dança e suscita a esperança (rimada com “sustância”, sotaque nordestino para “substância”). Ao final, há uma homenagem a *Asa branca*. Nesse clássico de Luiz Gonzaga e Humberto Teixeira, revela-se a esperança que nunca deixou de abandonar o povo nordestino apesar de todo sofrimento causado pela seca e aridez. Os retirantes, ao

Arquivo Davida



Roda de samba com jovens e crianças de comunidade urbana: alimento para o espírito e sustento para o corpo

A leitura teológica de canções da MPB nos revela muito sobre os sentimentos religiosos de nossos compositores e que não deixam de ser, também, por extensão, os sentimentos de todo um público consumidor formado por pessoas de diversas classes e idades

primeiro sinal de chuva ou de verde animam-se em voltar para o sertão. Essa força, resistência e paixão pela vida que caracterizam o sofrido povo nordestino são atribuídas por Gil ao poder sagrado que emerge de subterrâneos espirituais,

Os mais jovens e mais chegados ao rock nacional, certamente lembrar-se-ão de Raul Seixas que, com toda sua irreverência, era profundamente religioso. Outros, como Renato Russo, traduziram em belíssimas letras o sentimento de vacuidade espiritual da juventude brasileira, dando um retrato de nossa situação. Não é possível ouvir as canções do Legião Urbana sem ter em mente que seu sucesso foi reflexo da capacidade que Renato Russo tinha de expressar os sentimentos do jovem brasileiro de classe média: *parece caína, mas é só tristeza... / e há tempos o encanto está ausente / e há furgem nos sorrisos.*

Eu gostaria, finalmente, de citar uma canção dos Titãs: *Comida*. É uma canção de protesto, mas que transcende em muito a visão materialista de certos setores da esquerda. Sem negar a urgência de atender a uma das necessidades mais básicas de todo ser humano, a alimentação, apontaram também outras necessidades, geral-

mente menosprezadas ou tachadas de reivindicações ‘burguesas’: amor, diversão, arte, balé, felicidade e ‘prazer pra aliviar a dor’. Observe-se que em nenhum momento a letra afirma que ‘comida’ não é importante, mas atualiza artisticamente o versículo citado por Cristo mostrando que o pão nosso de cada dia deve conter outros ingredientes, essenciais à realização de uma pessoa em todos os sentidos: *a gente não quer só comida, / a gente quer comida, diversão e arte... / a gente quer bebida, diversão, balé... / a gente não quer só comer, / a gente quer comer e quer fazer amor.*

Percebiam que o discurso almeja a satisfação daqueles desejos e necessidades que geralmente são relegados aos últimos lugares nas pautas de prioridades das lutas políticas. De fato, a arte, a diversão e a cultura sempre são as últimas exigências a terem sua satisfação garantida (quando têm). O grande sucesso da canção indica o fato de ela revelar que a juventude brasileira não é materialista como sugerem certos discursos religiosos. Num mundo em que a tecnologia e a massificação avançam aceleradamente, o alimento que o ser humano necessita para satisfazer suas demandas não é apenas orgânico. Se precisamos de comida para sobreviver, carecemos também de uma série de outras coisas que nos integralizam como pessoas.

Mesmo nas manifestações culturais não associadas diretamente ao que se convencionou chamar ‘religião’ não está ausente uma ‘preocupação última’ ou uma postura religiosa. Assim, os rituais celebrados pelos grupos religiosos, as igrejas, etc., podem ser qualificados como ‘intencionalmente’ religiosos; mas outras manifestações relacionadas com o mundo secular não deixam de ser religiosas em sua base e inspiração, embora encontrem for-

mas culturais de expressão que não são batizadas com termos religiosos.

É por isso que as artes merecem ser vistas positivamente e não do modo negativo como geralmente a Igreja as vê. Por puro preconceito cultural, os jovens das igrejas de hoje não conhecem quase nada de MPB, mal sabem diferenciar um Gilberto Gil de um Chico Buarque, não apreciam um bom samba de Vinícius de Moraes... entretanto, estão por dentro dos últimos lançamentos do mundo *gospel* americano.

Embora nenhum dos compositores mencionados guarde relações de proximidade ou intimidade com igrejas ou grupos cristãos, isso não desqualifica sua religiosidade. De fato, ao analisarmos suas canções, chegamos a uma constatação bastante preocupante: a igreja parece ser absolutamente irrelevante às suas vidas. Em sua produção artística, quando as palavras ‘igreja’, ‘padre’, ‘pastor’ e outras afins aparecem, há sempre um tom de crítica ou a denúncia de alguma contradição. A tarefa da teologia da cultura não é ocultar isso, mas simplesmente constatar esse fato sem tentar disfarçá-lo. Porém, a despeito de toda indiferença que demonstram para com a igreja, ainda é possível, à luz do ‘princípio protestante’, qualificar a produção musical desses artistas como de ‘vanguarda profética’, pois dentre as características do ‘princípio protestante’ está sua autonomia em relação aos grupos religiosos, o que garante a possibilidade da crítica e do questionamento desses mesmos grupos.

Observamos na produção ‘teológica’ de Chico Buarque, Caetano Veloso e Gilberto Gil a freqüência constante de um tema: a capacidade que a música tem de ser um lugar privilegiado para se viver uma espécie de mística secularizada. Por meio das artes, da

Se as religiões tradicionais estão em crise, o Sagrado busca outros caminhos de comunhão, revelação e salvação; a arte é um deles.

Resta à teologia contemporânea decifrar os sinais do Sagrado na espiritualidade das canções populares

poesia e da música, muitas pessoas experimentam comunhão com o transcendente na medida em que se deixam encantar, inebriar e encharcar de beleza a si e à vida. Em Chico Buarque, o cotidiano, o tédio e a falta de sentido da vida são enfrentados e superados mediante a arte musical conceitualizada na expressão 'samba', com tudo o que esse ritmo evoca. Em Gil, a música popular se torna sacra na medida em que é canal de comunicação com as forças primordiais da vida, transformando o palco num altar ou a pista de dança num espaço sagrado de onde se extrai vitalidade. O mesmo tema ocorre também em Caetano, elogiando com expressões do universo religioso seus colegas compositores que, na visão do artista, são aqueles "que velam pela alegria do mundo".

A leitura teológica de canções da MPB nos revela muito sobre os sentimentos religiosos de nossos compositores e que não deixam de ser, também, por extensão, os sentimentos de todo um público consumidor formado por pessoas de diversas classes e idades. Mesmo no rock brasileiro, percebemos em várias canções que, por trás da imagem de 'rebelde-sem-causa' fabricada para muitos artistas, existem pessoas inquietas e impressionadas com o mistério da vida, conscientes da

existência de algo/algum alguém além dessa instância em que vivemos, um poder maior capaz de dar razão e sentido à existência, questionar valores, produzir vitalidade e pôr ordem e harmonia no caos. As reações perante essa transcendência variam de acordo com a história de vida de cada um. Algumas canções que são aplaudidas, cantadas e acompanhadas com o balanço dos corpos e que por vezes levam à meditação ou às lágrimas revelam que o ser humano ainda se importa em buscar respostas significativas à vida, ao absurdo que nos rodeia, ao tédio do cotidiano, à solidão das grandes cidades, à ausência de ideais, à tristeza, à dor e insuficiência ontológica de nossas vidas.

Apesar de todo avanço da tecnologia, o mundo ainda pede sentido e clama por alegria e reencantamento. A questão, porém, é saber se as religiões tradicionais continuam a ter o poder de fazer isso sem criar neuroses e dividir as pessoas por meio de cercas dogmáticas. As constantes guerras e desentendimentos nascidos da disputa entre religiões que se apresentam como o único caminho para Deus nos fazem duvidar, no momento, dessa possibilidade. Ainda que o sejam, em todo caso, a arte também é capaz, à sua maneira, de reencantar o mundo. Os artistas, com seu sacerdócio e dons naturais, são capazes de compreender e revelar a pequenez e a fragilidade humana, e de motivar-nos a enfrentar a transitoriedade e prestar contas ao transcendente. As religiões tradicionais há séculos tentam dar respostas definitivas, eternas e exclusivas, mas continuam a cair no descrédito da juventude mais sensível devido às suas contradições e à grande inclinação que têm alguns grupos a elas ligados de fomentar o ódio, a morte, a violência e a opressão social e psíquica em nome

de Deus. Os radicais islâmicos tentam responder ao mistério do sagrado com a carnificina do terrorismo e uma moral primitiva; pastores evangélicos confundem o anúncio de Cristo com lavagens cerebrais e terrorismo psíquico; fundamentalistas cristãos apóiam Bush e as novas cruzadas bélicas contra povos não-cristãos; os espíritas insistem em nos aprisionar em carmas e reencarnações purgadoras; setores da igreja católica satanizam a sexualidade e perseguem minorias. As religiões tradicionais nesse século convivem com o fracasso, não representam praticamente nada para muitos setores da população e não conseguem mais lidar adequadamente com aquilo que as constitui: o glorioso e abissal mistério resplandecente de Deus. Mas se as religiões tradicionais estão em crise, o Sagrado busca outros caminhos de comunhão, revelação e salvação; a arte é um deles. Resta à teologia contemporânea decifrar os sinais do Sagrado na espiritualidade das canções populares. A tecnologia do mundo moderno e a falência das religiões tradicionais não significam a perda da dimensão do transcendente, pois como diz o compositor: "mistério sempre há de pintar por aí".

Por isso é importante, em todos os momentos da vida, nos conectarmos com o Sagrado, mesmo que por meio de canções que são orações não-intencionais. Sobretudo nos momentos em que sentimos que está tarde e a noite sombria da insegurança, do medo e do desespero se aproxima.

Carlos Eduardo B. Calvani, teólogo anglicano, doutor em Ciências da Religião e professor da Unifil e coordenador do Centro de Estudos Anglicanos.

O sagrado segundo os violeiros

Carlos Alberto Rodrigues Alves

"As modas caipiras e o Sagrado nasceram juntos nesta terra-de-santa-cruz. Dizem os historiadores que a viola foi trazida para cá pelos jesuítas, o que de início já lhe confere a aura beatificada. Desde os tempos primevos, encontrou guarida naquela gente nova que se miscigenava pela santíssima trindade racial: o índio, o branco e o negro. Nasceu assim, o violeiro em sua mais completa tradução"

Para Luiz Longuini Neto, caipira e folião do Divino

*"Prepare o seu coração
pras coisas que eu vou contar
eu venho lá do sertão,
eu venho lá do sertão..."*

(Théo de Barros/Geraldo Vandré)

Sou violeiro nas horas vagas. De quando em vez, principalmente naqueles momentos em que os demônios da cidade-grande me assaltam, deixo sair das cordas da viola um cenário bucólico, quase extinto, mas santificado pelos cantadores. O ar puro das invernadas com cabras pastando solenemente, os carros de boi gemendo no estradão, o fogão de lenha onde o café é adoçado com garapa. Com alguns ponteados a mais, começam também a sair do pinho cenas de manhãs solfejadas por pássaros, cafezais em flor se vestindo como noivas, currais com afrodisíacos cheiros de bosta de vaca e rios com molecada nadando do jeito que veio ao nosso-mundo-sem-porteira.

Confesso que, com minhas toadas inspiradas nestes motes, consigo despertar coisas belas e adormecidas neste corpo oprimido. Consigo também exorcizar, temporariamente, o Cão em suas multiformes aparições. Consigo, ainda, sorrir com esperança, cantaro-

lando um salmo em som de cateretê que aprendi do Rolando Boldrin: *Eu vim me embora e na hora cantou um passarinho, / porque eu vim sozinho, eu, a viola e Deus ... / Vim parando assustado / espantado com as pedras do caminho, eu , a viola e Deus...*

Sou violeiro nas horas de Deus, amém! Nascido na beira daquela tuia cantada por Tonico e Tinoco, aprendi que é impossível dissociar viola do sertão. Acho que foi pensando nisso que o compadre Zuza me pediu para escrever dois dedos de prosa sobre coisas do sagrado nas modas de viola. O que, aliás, já estou a fazer, saboreando uma pinguinha pura e pitando um cigarrinho de palha.

As modas caipiras e o Sagrado nasceram juntos nesta terra-de-santa-cruz. Dizem os historiadores que a viola foi trazida para cá pelos jesuítas, o que de início já lhe confere a aura beatificada. Desde os tempos primevos, encontrou guarida naquela gente nova que se miscigenava pela santíssima trindade racial: o índio, o branco e o negro. Nasceu, assim, o violeiro em sua mais completa tradução, que de cedo aprendeu a fazer das folias, dos catiras, dos fandangos, dos lundus, dos pagodes, das toadas, dos cururus e dos catetês uma ópera sertaneja ao Divino, à Mãe do Salvador e aos Santos do cotidiano. Como referencial teológico

destas dramatizadas melodias o caboclo adotou a visão do catolicismo oficial. Por outro lado, no entanto, suas epifanias sonoro-dançantes incorporaram, aos poucos, uma religiosidade que não ficava dependente da explicação racional de padres ou especialistas da fé. Um dos exemplos clássicos dessa devoção é a fervorosa, doutrinária e popular oração cantada e socializada pelos cururueiros paulistas. Música que foi recolhida por Paulo Vanzolini e que hoje faz sucesso com a Orquestra Paulistana de Viola:

Este é o primeiro verso que nesta casa eu canto / Já desponta a madrugada / Padre, Filho, Espírito Santo / Ora viva São Gonçalo (...) / Este é o segundo verso que nesta casa eu canto / Já desponta a madrugada / Padre, Filho, Espírito Santo / Ora viva São Gonçalo(...) / Este é o terceiro verso que nesta casa eu canto, / já desponta a madrugada, / Padre, Filho, Espírito

Santo, / Ora viva São Gonçalo, ora viva São Gonçalo, / São Gonçalo de Amarante, protetor dos violeiros. / Se um dia eu chegar no céu, viola entra primeiro, / viola cheia de fitas, tá den gosa, tá bonita, / pra louvar meu São Gonçalo, / protetor dos violeiros, ora viva São Gonçalo.

Várias outras pérolas deste gênero de manifestação religiosa chegaram até nós e hoje fazem parte do nosso cantorio. *A bandeira do Divino e Cálix*

A moda do violeiro tem o toque do Sagrado porque sagrada é a vida do caipira.

Sagrado é o chão onde o Jeca Tatu pisa. Sagrado é o seu jeito de ser. É neste cenário que o profano se santifica e o sagrado se profaniza

bento, músicas de domínio público, eternizadas por Ivan Lins e Milton Nascimento, são apenas dois exemplos. Som rural da mais pura cepa!

Mas a moda do violeiro tem o toque do Sagrado porque sagrada é a vida do caipira. Coisa que souberam retratar Cornélio Pires e Angélio de Oliveira, pioneiros das modas fonográficas, em cenas lítero-musicais históricas. Sagrado é o chão onde o Jeca Tatu pisa. Sagrado é o seu jeito de ser. É neste cenário que o profano se santifica e o sagrado se profaniza. Ele canta a sua maneira de levar a vida. Expressa bem esta harmonia paradisíaca a música *Meu céu* dos mineiros Zé Mulato e Xavantinho:

Armei a rede na varanda / Afinei minha viola, / sabiá cantou comigo, / mandou a tristeza embora. / No lugar aonde eu moro, / solidão não me amola, / quando eu faço um ponteado, / a morena cantarola, / Não é o céu,

Sidney Waismann

Na roça, sons e danças incorporam religiosidade que independe da explicação racional de padres ou especialistas da fé



O povo da roça não tem esta pressa de viver que nós temos. Um amigo ilustrou bem: "Nós trabalhamos para comprar o que precisamos para viver depressa. Eles vivem basicamente para fazer o que precisam para viver com calma"

conforme eu aprendi, / mas se Deus achar por bem, / pode me deixar aqui.

O povo da roça não tem esta pressa de viver que nós temos. Um amigo ilustrou bem: "Nós trabalhamos para comprar o que precisamos para viver depressa. Eles vivem basicamente para fazer o que precisam para viver com calma". Na roça, seguindo o ritmo das estações, do rizinho e do eterno ciclo da natureza, tudo é devagar. Como devagar também é que se envelhecem e enobrecem, no tempo, os bons vinhos. Como devagar também é que envelhecem e enobrecem, no mato, as boas madeiras com as quais se fazem boas violas.

Mas há uma outra pitadinha do Sagrado que precisamos colocar neste proselito. Não podemos perambular pelos sertões e veredas do Sagrado sem receber a bênção do Riobaldo: *Medo, mistério. O Senhor não vê? O que não é Deus é estado de demônio. Deus existe mesmo quando não há. Mas o demônio não precisa de existir para haver.* Este personagem de Guimarães Rosa dá o tom de um outro tema que está nestas modas. Falo do tema de uma peleja cósmica. Quando Deus e o diabo travam peleja estremecendo esta terra de sol e de chuva, há sem-

pre um violeiro para arpejar o confronto. Este duelo celeste tem ecos em desafios terrestres. Há quem jura de pé junto que violeiro bom é aquele que fez pacto com o Coisa-Ruim. Dizem que são aqueles que tocam em uma afinação chamada "rio abaixo". Referência ao tinhoso que um dia teria aparecido tocando viola, com virtuosismo, lá pelas águas sertanejas do norte das Gerais. Até existe, por aquelas bandas, um bocado de causos que falam sobre viola tocando sozinho em cima de mesas. Eu, heim? Minha afinação é o "cebolaõ". Tem esse nome porque faz gente, do campo e da cidade, chorar. Sou da turma do São Gonçalo, o padroeiro dos violeiros! Santo bom este! Adorado por Tião Carreiro e Pardinho, reis do pagode, que, em vários de seus sucessos fonográficos, nos alertam a uma tomada de partido nesta eterna luta do bem contra o mal:

*Quem foi o rei do baralho
virou trouxa na roleta,
Gavião que pegava cobra
já foge de borboleta
Se o Picasso fosse vivo
ia pintar tabuleta.
Bezerrada de gravata
que se cuide e não se meta,
Quem mamava no governo
agora secou a teta.
A coisa tá feia, a coisa tá preta,
Quem não for filho de Deus
tá na unha do capeta.*

Meus dois dedos de prosa "vão se sumindo como as águas vão pro mar". Mas as coisas do Sagrado não. Quem se embrenha por esta floresta cultural sabe que o imaginário e as crenças do "caipira-pira-pora" são um infinito de sabedoria. São atitudes diante da vida, resistência diante das "crises e cruzes"

existenciais, criatividade em face dos improvisos do cotidiano, sentimento de finitude diante dos enigmas do amor e da morte, encanto pelo Sagrado... O sertão não tem fim. Não tem fim seus causos, sua mística, suas inventivas esperanças. Por isso há muita gente boa pegando este "trenzinho do caipira" para resgatar um pouco da riqueza da verdadeira cultura raiz. Estamos em boa companhia. Violeiros, folcloristas e pesquisadores como Roberto Correa (professor de viola na Universidade Federal de Brasília), Ivan Vilela, Paulo Freire (o violeiro), Braz da Viola, Almir Sater, Inezita Barroso, Rolando Boldrin, Renato Teixeira e mais uma "comitiva da esperança" estão engajados nesta romaria "de sonho e de pó", em busca deste cálice sagrado. Por isso e por tantos ponteiros que fazem variações sobre a vida e a morte é que eu faço minha final louvação: Viva o sagrado som rural! Viva o nosso santo "forcrório"! Vivam os sacerdotes da viola!

Carlos Alberto Rodrigues Alves, educador, mestre em mídia e conhecimento pela Universidade Federal de Santa Catarina.

“Cantando eu mando a tristeza embora...

Nancy Cardoso Pereira

Um caleidoscópio vai sendo montado no texto com respiros, fôlegos, palavras, ritmos, trazidos à vida através da garganta, carregados de salmos, de cânticos “delatores/relatores” até a apoteose que tem Carandiru e Babilônia. Leitura provocante

É tudo uma questão de fôlego. Respiramos o mundo e somos invadidas por golfadas de vida. Diariamente. Permanentemente respirantes. Aspirantes de ar e seus humores. E aí... tudo funciona, mexe, pega, sobe, ri e chora, senta e levanta, corre e descansa, aperta e afaga, morde e espirra porque insistimos nessa troca básica e fundamental com o mundo. Respirar.

O ar entra em golfadas imperceptíveis ou em solavancos sofridos: tudo depende do tempo, do jeito, do gosto, da situação, do medo, do êxtase, da alegria, da canseira e da pressa. Vai a vida e a respiração vai se fazendo breve ou longa, espaçada ou rápida, normal ou sôfrega: tudo depende do que se vive e como se vive. Respirar é marcar o ritmo nosso no mundo.

O ritmo necessário do coração batendo na exata medida do fôlego. E as palavras. Falar é aprender a criar imagens sonoras com as trocas de respiração. O ar de fora passeia dentro e traz o mundo. O ar de dentro se projeta para fora, roça as cordas vocais, arranha a língua, seduz os lábios, se perde entre os dentes e diz: palavra.

Assim, a linguagem, segundo Octávio Paz (*O arco e a lira*), é um mundo de chamadas e respostas; fluxo e refluxo, união e separação, inspiração e expiração. A fala é um conjunto de seres vivos, movidos de ritmos semelhantes aos que regem os astros e as plantas.

A poesia e a música são respostas-e-chamadas do ritmo básico e vital que movimenta toda a linguagem. O ritmo é um imã: é o movimento básico de tudo que respira por meio de métricas, rimas, aliterações, repetições, exclamações. O ritmo convoca as palavras.

A poesia e a música são puro ritmo como agentes de sedução, como diz Paz. Então... para ler as orações – qualquer uma, de qualquer religião – e também os salmos de nossa Bíblia é preciso cuidar da respiração e do ritmo. Os salmos são poesia e música, dividem a mesma habitação com os feitiços e magias, têm o poder de descobrir as forças da palavra porque se alimentam da respiração em suas trocas básicas com o mundo e as pessoas.

Diferente da palavra do diálogo

imediato, poesia e música encantam a linguagem porque mantêm o ritmo vital, apreendem por alguns minutos a força originária da palavra como troca de vida. A originalidade da poesia e música não está numa suposta ruptura com a palavra mais coloquial e de uso no dia-a-dia. Ao contrário: exatamente porque resgata o ritmo básico, das trocas básicas da vida e do corpo como chamada e resposta é que poesia e música encantam, rasgam, denunciam, xingam. Magia. Coisa sagrada... a vida em seu ritmo primeiro. Religião.

Todo ritmo é uma expectativa: intervalos iguais, tempo dividido em pedaços iguais... e as surpresas, as cidades, a variação criando uma alternância que pede espera. Intervalos reduzidos: pressa e violência. Intervalos espaçados: espera e espera. Mas o ritmo é mais que medida: ritmo é tempo com intencionalidade, como se apontasse para uma direção. Pelo que se espera. A repetição tem como sentido alimentar o que esperamos e nem sempre conseguimos nomear. Nos colocamos em prontidão. Isso: poemas e música nos colocam em atitude de espera. O que os filósofos chamam de tempo original que não está lá atrás, mas é direção de futuro.

Assim os salmos: palavra ritmada, métrica audível, poesia e música. Salmos são orações. Forte assim. Linguagem imprecisa da precisão – de precisar.

Os rappers são delatores/relatores de um Brasil desigual.

Denunciam os desmandos de autoridades e policiais, as chacinas e homicídios, a ausência de políticas públicas, o caráter classista do Estado brasileiro e suas instituições

Longe de ser uma afirmação de exclusiva espiritualização dos salmos, esta perspectiva gruda os salmos na garganta de quem os produziu e de quem os declama. Participação num ritmo necessário. Poesia e música. Os Salmos.

Como suspira a corça pelas correntes das águas, assim, por ti, ó Deus suspira a minha alma. A minha garganta tem sede de Deus, do Deus vivo... (Salmo 42)

Tudo na garganta. Tudo trocas vitais do corpo com o mundo, as relações, a vida. Sede. Suspiro. Garganta. Já é conhecido o problema de tradução¹ dessa palavra: *nefesh*. Literalmente *nefesh* é garganta ou fôlego... de todo modo uma referência física e de nenhum modo algo separado do corpo. É a vida necessitada, que desfalece de desejo.²

No âmbito da antropologia semita não existe uma alma para um corpo, separados ou até mesmo antagônicos como conhecemos. Esta perspectiva vai ser introduzida provavelmente a partir do pensamento grego, isto é, de certo pensamento grego.³ Mas o hebraico quando diz *nefesh* está se referindo ao fôlego, ou o lugar do fôlego – a garganta, isto é, a vida: ar e água e comida passam por aqui. São as tais trocas vitais que são feitas com o mundo que tornam a vida possível. Mas não é somente lugar de recepção. Chamadas e respostas. Por aqui trocamos com o mundo as palavras – poesia e música. Por aqui passam emoções que se misturam com as palavras.

Quando sentimos sede ou fome: uma secura sem fim, um gosto amargo. Quando estamos felizes: o peito

arfa, a boca seca e a respiração acelera. Quando temos medo: um nó. Quando temos raiva: uma explosão. Quando experimentamos ternura: um susurre. Quando experimentamos tesão: um balbucio sem sentido e repetido. As palavras trocam sinais vitais entre o corpo individual e o corpo social e o mundo.

De modo especial a linguagem de poesia e música é mais do que resposta automática, é troca vital. É uma linguagem marcada por metáforas. As metáforas são chispas que surgem do embate de palavras. A relação chamada e resposta não é sempre linear ou padronizada. Não é uma operação mecânica e pré-estabelecida. A linguagem poética violenta ou seduz a linguagem cotidiana abrindo alternativas e possibilidades do idioma. Poesia e música.

Tudo isso para dizer que a linguagem é produto social que não pode ser reduzida a valor de troca, nem depósito de idéias. A linguagem é trama antropológica. Poesia e música são exercício de limite de tudo que é humano. De tudo que vive.

Todo o ser que respira... louve ao Senhor! exclama o último salmo (150) como grande conclusão de todo o conjunto tão variado de orações de súplica, lamento e gratidão. São palavras ritmadas, são para ser lidas com o corpo. Deverem ser exercício para quem aprende a dizer suas palavras, suas metáforas. Aprender a orar. Como quem respira.

São orações individuais e coletivas ao mesmo tempo: o exato lugar onde o pessoal e o comunitário, o episódico e o histórico se encontram: é uma palavra em ato. Um ato de fala pelo

qual a personagem nunca para de atravessar a fronteira que separa seu assunto privado da política, e produz, ela própria, enunciados coletivos.⁴

OS SALMOS HOJE: GARGANTA E FÔLEGO DO POVO POBRE

Haja fôlego! Que a vida está difícil, o dinheiro está curto e a violência ronda barracos e corpos, no campo e na cidade. Palavra em ato: político. Religioso demais. Salmos na boca do povo pobre de um jeito inesperado, militante, mágico. Salmos no cotidiano.

Estranha essa presença dos salmos na vida, na boca do povo pobre, negro, homens e mulheres na luta. O texto no presídio e o Salmo 23 no chão. Salmo de bruços, tapete que sangra oração e pavor, na boca cheia de *rap*.

...sangue jorra como água, do ouvido da boca e nariz, o Senhor é meu pastor, perdoe o que seu Filho fez, morreu de bruços, no salmo 23, sem padre sem repórter, sem arma sem socorro, vai pegar HIV, na boca do cachorro, cadáveres do poço, no pátio interno. (Racionais MCs, *Diário de um detento*⁵)

Na garganta do grupo de *hip-hop* – voz da periferia pobre do Rio de Janeiro – o Salmo 24, 8 fica assim:

*Jeová é o Deus que não tarda nem falha,
Jeová é o poderoso cavaleiro
Senhor das batalhas
todos os meus inimigos caiam
diante de mim
o poder de Jeová pode crê é
sem fim
a força dos meus inimigos nunca
me alcançará*



Experiências de abandono e fé das periferias surgem no ritmo e na poesia de grupos como os Racionais MCs

*existe uma chama que arde
chamada justiça
e eu acredito que ela sempre me
protegerá
sobre mim não tem poder o
opressor
então eu vou cantando
ho, ho, ho, tô na paz do Senhor.*
(Apocalipse – grupo de hip-hop do
Rio de Janeiro⁶)

O rap (do inglês *rythm and poetry*) é ato de fala, narrativa individual e coletiva das periferias pobres. Narrativas repletas de signos e linguagem própria (gírias, expressões típicas da periferia urbana). Pode ser visto como um relato histórico, construído por seus próprios atores, na ótica de quem (sobre)vive neste espaço.

*Muita pobreza, estoura violência!
Nossa raça está morrendo, não me
diga que está tudo bem!* (Racionais
MCs) – dispara o rapper contra o discurso da mídia que procura apresentar a realidade social e a crescente violência no Brasil sem considerar aspectos estruturais: classe e etnia. Os rap-

pers são delatores/relatores de um Brasil desigual. Denunciam os desmandos de autoridades e policiais, as chacinas e homicídios, a ausência de políticas públicas, o caráter classista do Estado brasileiro e suas instituições. Colocam no imaginário nacional a periferia como ato de fala, dão visibilidade à área em que vivem um cotidiano de miséria e violência. É o Livro dos Salmos ali, na dobra da religiosidade popular que transita entre as experiências de total abandono e fé. Qualquer uma e a Bíblia também. Um cânon próprio autorizado pelo uso na pressa e na urgência da luta pela vida. Sem exegese: pura hermenêutica que se alimenta do uso mágico de símbolos religiosos tão ilustrados.

No último capítulo de *Estação Carandiru*⁷ (livro que conta da violência num dos mais terríveis presídios do Brasil) o Livro de Salmos está na boca, no chão, no medo:

*Quando os tiros calaram, caiu um
silêncio de morte na galeria.*

Atrás do murinho, Dadá só pensava no desgosto da mãe com a morte

dele e no arrependimento por não ter lido o Salmo 91. Minutos depois, escutou passos de coturno:

– Quem está vivo, levanta, tira a roupa e sai pelado!

– Não conseguimos dormir dentro do barraco. Uma, porque nós ficamos perturbadíssimos, e, outra, que o cheiro de carniça era forte; o chão estava de sangue até o rodapé. Só no dia seguinte é que limpamos tudo, e eu arranjei uma Bíblia.

No livro sagrado, Dadá finalmente leu o Salmo 91 recomendado pela mãe na véspera, e diz que chorou feito criança com o trecho:

– Mil cairão a teu lado e dez mil à tua direita, mas tu não serás atingido; nada chegará a tua tenda.

No dia 2 de outubro de 1992, morreram 111 homens no pavilhão Nove, segundo a versão oficial. Os presos afirmam que foram mais de duzentos e cinqüenta, contados os que saíram feridos e nunca retornaram. Nos números oficiais não há referência a feridos. Não houve mortes entre os policiais militares.⁸

Choro de bandido com a Bíblia na mão, a mãe de memória e o susto. Choro de gente abandonada com escolhas erradas e nenhum direito. E os 111 mortos sem mãe e sem Bíblia... sem Salmo 91. Sem salvação:

ninguém é cidadão...

*111 presos indefesos mas presos
...são quase todos pretos de tão
pobres...⁹*

SAMBA. RAP. HIP-HOP. REGGAE

Nas voltas que o mundo dá, os salmos vão habitando também o mundo do reggae: de algum modo os salmos da

Leitura popular: não esta que precisa de quadros referenciais sociológicos e literários. Popular porque cotidiana demais. Grudada no corpo suado, sofrido do medo, da morte, demônios

Bíblia Hebraica estão presentes no vocabulário e no imaginário do movimento Rastafari.¹⁰ África. Caribe. América Latina. É uma leitura dos textos bíblicos intencionalmente não ortodoxa e não tradicional. Cravado no ritmo do *reggae* os salmos se mantêm vivos num diálogo intercultural inesperado. Assim, descobre-se uma outra via de encontro com o ritmo e poesia dos salmos que não passa pelo filtro da leitura contemplativa ou exegética do Ocidente ilustrado. Da África para o Caribe, o *reggae* se mostra no Maranhão de pobres e senhores na música do grupo Tribo de Jah:

RUÍNAS DA BABELÔNIA

*Veja a face sofrida dessa gente,
Tanta gente sofrida,
Buscando uma vida decente,
Buscando um pouco de paz em
suas vidas.
Eleve ao Mais Alto o seu
pensamento.
É preciso ter fé, é preciso saber dar
tempo ao tempo;
Dentro de si você achará
A força contida do firmamento
E Jah então lhe proverá,
Nada, nada do que for preciso lhe
faltará.
Do outro lado eu vejo a soberba
desses ignóbeis senhores
Das vantagens fáceis do poder,
senhores do tráfico de influência.
Disfarçam assim as suas tramas e
a sua peçonha.
Um dia ficarão desnudos perante
a verdade
e já não serão tão amáveis,
Não saberão esconder os seus
podres e sua vergonha,*

*Eles herdarão as ruínas da
Babilônia...*
(CD *Ruínas da Babilônia*, 1996)

Haja fôlego. O texto insiste em ficar grudado na pele suada de quem vive no susto. Perguntaram à viúva de um jornalista colombiano assassinado:

*A família fará algo para conseguir
justiça? Todos temos medo: sua famí-
lia, meus filhos e eu, explicou. Sobre
o altar havia uma Bíblia aberta no
Salmo 91: "Deus é meu refúgio. Ele
me protegerá de todos os perigos".¹¹*

Dona Maria (moradora no Acampamento de Nova Canudos, interior de São Paulo) diz que não pode ter medo: quando sai à noite para fazer a segurança no acampamento dos sem-terra ou vai participar de alguma manifestação ela deixa os três filhos pequenos sozinhos no barraco. Deixa as vizinhas avisadas e a Bíblia aberta na entrada do barraco de lona. Tem que ser no Salmo 91. Por que? Porque sim! É poderoso.

Que uso é este? Sem estudo das formas: ato de fala. Sem estilo: citação inadequada. Sem crítica textual: crítica e protesto. Sem tradução e sem análise sociológica que dê conta de tanta tristeza:

*A tristeza é senhora. / Desde que o
samba é samba é assim. / A lágrima
clara sobre a pele escura, / a noite, a
chuva que cai lá fora... / solidão apa-
vora, tudo demorando em ser tão
ruim, / mas alguma coisa acontece no
quando agora em mim: / cantando eu
mando a tristeza embora.*

Encosto meu ouvido na garganta do povo: o texto numa batida ensurdecedora me atinge. Entro no barraco e o

texto me cega com seu poder de aparição. Qualquer coisa que eu disser é quase nada diante da paixão de quem cantando/orando/rezando manda a tristeza embora.

Assim, os salmos: fôlego, respiração, ritmo. Na porta do barraco, pendurado na parede, no pescoço, no vidro do carro, na prisão, no *rap*, no *hip-hop*, no *reggae*. Leitura popular: não esta que precisa de quadros referenciais sociológicos e literários. Popular porque cotidiana demais. Grudada no corpo suado, sofrido do medo, da morte, demônios. Um desafio para quem quer ler a Bíblia com o povo. Deus conosco.

Nancy Cardoso Pereira, bíblista, doutora em Teologia, pastora metodista/agente da CPT. (nancycp@uol.com.br)

NOTAS

1. WOLFF, Hans Walter, *Antropologia do Antigo Testamento*, Loyola, São Paulo, 1983, p.22; *The use of Nephesh in the Old Testament*, in: www.therain.org/appendixes/app13.html
2. WOLFF, ibid., p.41.
3. ibid., p.17.
4. DELEUZE, Gilles, *A imagem-tempo*, Brasiliense, 1990, p. 97.
5. Para conhecer a letra na íntegra: www.ladoleste.f2s.com/
6. Para conhecer mais sobre hip-hop: www.viafavela.com.br
7. VARELA, Drauzio, *Estação Carandiru*, Companhia das Letras, São Paulo, 1999.
8. *Estação Carandiru*.
9. Trecho de *Haiti*, Gilberto Gil e Caetano Veloso, CD *Tropicália 2*.
10. MURREL, Nathaniel, *Tuning Hebrew Psalms to Reggae Rhythms: Rastas' Revolutionary Lamentations for Social Changes*, in: www.crosscurrents.org/murrel.htm
11. Jairo Elias Márquez teve uma morte trágica e muito comum entre os jornalistas da Colômbia: foi alvejado por dois pistoleiros em 20 de novembro de 1997. *Arquivos de Colômbia*, www\sublevel\colombia_infoPhtm

Amor e ódio à religião na música popular

Luiz Carlos Ramos

Dois poemas do mesmo autor insinuam carícias teológicas de um lado – o beijo; e, de outro, incutem mordidas também teológicas – o tapa. No primeiro, uma sensação de indigência do poeta-profeta-cantor na “aventura de subir aos céus”. Na segunda, um conselho: “deixa o outro vender limões”

A relação entre a arte e a religião sempre foi conflituosa, uma verdadeira relação de amor e ódio. Assim tem sido com a *Coreografia*, que é a arte do movimento; com a *Literatura*, a arte da palavra; com a *Arquitetura*, a arte do espaço vazio; com a *Escultura*, a arte do volume; com a *Pintura*, a arte da cor; e não poderia ser diferente com a *Música*, a arte do som – que é a que nos interessa particularmente neste ensaio. Arte e religião se nutrem e se digladiam reciprocamente (nem mesmo a controvertida “sétima arte”, o *Cinema*, escapa dessa projeção dialética, “entre tapas e beijos”, da religião). Poderíamos estender esta consideração às várias ciências – exatas, biológicas e humanas. Entretanto, nos restringiremos a umas poucas notas, ainda que um tanto dissonantes, a respeito da relação de amor e ódio à religião na MPB.

A religião é praticamente onipresente na música popular: está nas modas caipiras e sambas-enredo, nos chorinhos e serestas, no *rock* e no *rap*, enfim, está em todas as bossas, novas ou velhas. O ‘tom’ pode ser o mais ingênuo ou piegas, como em *Jesus Cristo eu estou aqui e Nossa Senhora, me dê a mão*, do rei Roberto; ou heterodoxo, como em *Ói, lá vem Deus (...) / Ói, ói o mal / Vem de braços e abraços com o bem / Num romance*

astral / Amém, do maluco beleza; ou pode expressar sofisticadas elaborações teológicas, como em *Se eu quiser falar com Deus*, do nosso ministro da cultura.

Naturalmente, como nas demais artes, não faltam as canções que alfinetam a religião, às vezes com luva de pelica, como em “... e eu que não creio, peço a Deus por minha gente”, do incomparável Chico, e as que recheiam a luva com tijolos, como a música *Guerra santa*, de Gilberto Gil.

Pois é embalado pelas músicas *Se eu quiser falar com Deus* e *Guerra santa*, que gostaria de ensaiar algumas variações sobre o tema da relação entre MPB e Religião. (Note-se que não é um problema entre compositores que favorecem a religião, de um lado, contra os que a criticam, de outro. Pois essa relação de amor e ódio pode ser notada em um mesmo compositor e, até, em uma mesma composição.)

O BEIJO

Conta-nos o próprio Gilberto Gil: “O Roberto [Carlos] me pediu uma canção; do que eu vou falar? Ele é tão religioso – e se eu quiser falar de Deus? E se eu quiser falar com Deus.” Assim nasceu, no ano de 1980, *Se eu quiser falar com Deus*. Sabem qual foi a reação do ilustre solicitante? Confira

novamente nas palavras do próprio autor: "O que chegou a mim como tendo sido a reação dele, Roberto Carlos, foi que ele disse que aquela não era a idéia de Deus que ele tem."

Qual é a 'idéia de Deus' nesta canção? Eis algumas que estão em evidente e admirável sintonia com alguns dos mais eminentes e respeitados teólogos da nossa era:

O *Deus absconditus*: Aqui está a idéia do "Deus desconhecido" pregado pelo apóstolo Paulo, na cidade de Atenas (Atos 17). Trata-se do *Deus absconditus*, a respeito do qual se referiram o protestante Martinho Lutero e o católico Pascal, à luz do "Deus misterioso" do profeta Isaías (45.15, na versão latina, a Vulgata). Esta concepção teológica afirma que Deus se tornou inacessível, escondendo-se dos olhos da humanidade pecadora, mas que se revela a essa mesma humanidade por meio do desafiador ato existencial da fé. Além disso, não dá pra deixar de fazer a associação com a instrução de Jesus: "Quando orares, entra no teu quarto e, fechada a porta, orarás a teu Pai, que está em *segredo*" (Mateus 6.6).

O *vazio-Deus*: O principal expoente do taoísmo, Lao Tzu (Lao Tsé), teria ensinado que a origem das coisas está no "Vazio". O "Tao" é o "Vazio". Na narrativa da Criação, no livro do Gênesis, o início de tudo se dá a partir do caos, "a terra era sem forma e vazia". E Eclesiastes, livro do sábio pregador hebreu, é um tratado sobre o nada, o vazio, a vaidade (do latim *Vanitas* = vacuidade). O teólogo cató-

A religião é praticamente onipresente na música popular: está nas modas caipiras e sambas-enredo, nos chorinhos e serestas, no *rock* e no *rap*, enfim, está em todas as bossas, novas ou velhas. O 'tom' pode ser o mais ingênuo ou piegas ou pode expressar sofisticadas elaborações teológicas

lico Rômulo Cândido de Souza, em seu livro *Palavra Parábola*, demonstra como a expressão "pedra", na Bíblia tem mais o sentido de caverna, escavação, buraco na rocha, do que o de

um bloco monolítico sólido. Assim, quando Jesus, Pedro ou a Igreja são apresentados como "pedra", a idéia é mais de útero que gesta, do que pilar que sustenta. Um terno vazio que possibilita a vida. E esse 'lito-útero' é constantemente reiterado nas experiências teofânicas dos patriarcas (na montanha Moisés recebe a Lei, escavada na pedra); e dos profetas (Deus se revela ao profeta Elias na porta de uma caverna como brisa que sopra sobre as colinas). Também nos momentos cruciais da vida de Jesus, tais como o seu nascimento (na gruta de Belém), a sua morte e sepultamento (no sepulcro na rocha). Está mesmo na maior experiência religiosa de todos os tempos, a ressurreição, que é simbolizada pela pedra removida, o túmulo vazio.

SE EU QUISER FALAR COM DEUS

Gilberto Gil - 1980

Se eu quiser falar com Deus
Tenho que ficar a sós
Tenho que apagar a luz
Tenho que calar a voz
Tenho que encontrar a paz
Tenho que folgar os nós
Dos sapatos, da gravata
Dos desejos, dos receios
Tenho que esquecer a data
Tenho que perder a conta
Tenho que ter mãos vazias
Ter a alma e o corpo nus

Se eu quiser falar com Deus
Tenho que aceitar a dor
Tenho que comer o pão
Que o diabo amassou
Tenho que virar um cão
Tenho que lamber o chão
Dos palácios, dos castelos

Suntuosos do meu sonho
Tenho que me ver tristonho
Tenho que me achar medonho
E apesar de um mal tamanho
Alegrar meu coração

Se eu quiser falar com Deus
Tenho que me aventurar
Tenho que subir aos céus
Sem cordas pra segurar
Tenho que dizer adeus
Dar as costas, caminhar
Decidido, pela estrada
Que ao findar vai dar em nada
Nada, nada, nada, nada
Nada, nada, nada, nada
Nada, nada, nada, nada
Do que eu pensava encontrar

© Gege Produções



Chute na Santa inspirou composição de apelo à tolerância e à convivência pacífica entre as diferentes expressões de fé

O nada-Deus: A aventura do desconhecido, o salto no escuro, a aposta, a decisão de correr o risco, a possibilidade de tudo dar em nada, não é nenhuma heresia nova. Talvez quem melhor tenha trabalhado essa dimensão existencial do drama humano da angústia tenha sido o filósofo e teólogo Søren Aabye Kierkegaard: "A angústia é a possibilidade de liberdade: somente a angústia, pela fé, tem a capacidade de formar, enquanto destrói todas as finitudes" e "se alguém souber tirar proveito da experiência da angústia, se tiver coragem de ir mais além, então dará à realidade outra explicação". E o grande salto, o mais difícil, é o de "cair nas mãos de Deus". Alguns platonistas, defensores de Deus, condenam esse ponto do 'ser-

mão' de Gilberto Gil, por afirmar: *Se eu quiser falar com Deus / Tenho que me aventurar / Tenho que subir aos céus / Sem cordas pra segurar / Tenho que dizer adeus / Dar as costas, ca-*

minhar / Decidido, pela estrada / Que ao findar vai dar em nada / Nada, nada, nada, nada / Nada, nada, nada, nada / Nada, nada, nada, nada / Do que eu pensava encontrar.

A angustiante, e agourenta, seqüência de treze 'nadas' insinuando, no dizer do compositor, sucessivas camadas de *buraco* (usando a expressão da *scholar* norte-americana Karen Armstrong), apavora os defensores das certezas eternas. Nem sequer se dão conta da última frase, que, para Gilberto Gil, é a expectativa de algo que culmina "com uma luz no fim (do túnel, da estrada, da vida), quer dizer, deixando entrever embutida na morte, a possibilidade de realização de uma existência num plano diferente de tudo que se possa imaginar, mas que de qualquer maneira se imagina existir; a possibilidade de transmutação – com o desaparecimento do corpo físico, da entidade psíquica que chamamos de alma, inconsciente, eu – para outra coisa, outra forma de consciência de todo modo

GUERRA SANTA

Gilberto Gil – 1995

Ele diz que tem,
que tem como abrir o portão do céu
Ele promete a salvação
Ele chuta a imagem da santa,
fica louco-pinel
Mas não rasga dinheiro, não

Ele diz que faz,
que faz tudo isso em nome de Deus
Como um Papa da Inquisição
Nem se lembra do horror da Noite
de São Bartolomeu
Não, não lembra de nada não

Não lembra de nada, é louco
Mas não rasga dinheiro
Promete a mansão no paraíso
Contanto que você pague primeiro
Que você primeiro pague o dinheiro
Dê sua doação, e entre no céu
Levado pelo bom ladrão

Ele pensa que faz do amor sua
profissão de fé
Só que faz da fé profissão
Aliás em matéria de vender paz,
amor e axé
Ele não está sozinho não
Eu até comprehendo os salvadores
profissionais
Sua feira de ilusões
Só que o bom barraqueiro que quer
vender seu peixe em paz
Deixa o outro vender limões
Um vende limões, o outro
Vende o peixe que quer
O nome de Deus pode ser Oxalá
Jeová, Tupã, Jesus, Maomé
Maomé, Jesus, Tupã, Jeová
Oxalá e tantos mais
Sons diferentes, sim, para sonhos iguais

© Gegê Produções Artísticas Ltda.

imprevisível, se não for mesmo nada". É aqui que o "nada-Deus" transforma-se no "totalmente Outro" de Rudolf Otto e na possibilidade plena da relação EU-TU, de Martin Buber. *Nada* mais ortodoxo e evangélico.

Eis aí um típico e homilético sermão de três estrofes, ou uma canção de três pontos.

O TAPA

Entretanto essa simpatia para com a religião, da parte do compositor, não implica ausência de senso crítico. E é aqui que entra o "tapa" para rebater o "beijo". Para compreendermos isso, farei referência à canção inspirada no lamentável episódio que ficou conhecido como "chute na santa", numa alusão ao golpe desferido contra a imagem de Nossa Senhora Aparecida pelo pastor Sérgio von Helle, da Igreja Universal do Reino de Deus, na véspera da festa da padroeira do Brasil, em outubro de 1995.

Destaco, a seguir, outras três idéias de Deus, reveladas agora pela canção *Guerra santa* (1995):

O Deus-dinheiro: A canção denuncia a exploração capitalista/monetarista da fé, o modelo da economia de mercado adotado por certos religiosos, o estilo de vida da sociedade de consumo que transsubstancia Deus em produto que pode ser colocado no carinho do Super(-)Mercado globalizado. "A mansão no paraíso", o "céu", pode ser adquirido, bastando para isso *passar & pagar* no caixa, com direito a ser guiado "pelo bom ladrão". Note a "sutiliza" da comparação entre o reli-

A canção denuncia, ainda, um Deus que contrata executivos do teatro-templo-mercado, cujo compromisso não é fazer sua profissão de fé, mas fazer da fé sua profissão. Profissionais da área de vendas pra negociar "paz, amor e axé"

gioso e o "bom ladrão" (referência àquele que estava crucificado à direita de Jesus e que foi perdoado por este). O adorador do deus-Mamon "... é louco / mas não rasga dinheiro", é aquele que, como dizia o Padre Vieira, está interessado não no nosso bem, mas nos nossos bens.

O Deus-empresário: A canção denuncia, ainda, um Deus que contrata executivos do teatro-templo-mercado, cujo compromisso não é fazer sua profissão de fé, mas fazer da fé sua profissão. Profissionais da área de vendas pra negociar "paz, amor e axé". Estes são os "salvadores profissionais" que estão a montar "sua feira de ilusões". Só que não admitem concorrência e, por isso, chutam a barraca do vizinho. Só vendem "peixes" mas não querem que outros vendam "limões", numa explícita tentativa de estabelecer o monopólio da fé.

O Deus-inquisidor: Como decorrência lógica, o compositor denuncia o religioso intolerante, porque este "diz que faz, que faz tudo isso em nome de Deus / Como um Papa da In-

quisição". Porque usa o nome de Deus para agredir ao próximo e condenar outras expressões/opções de fé. O profeta/compositor desvela ainda a ignorância teológico-histórica de religiosos como esse: "Nem se lembra do horror da Noite de São Bartolomeu / Não, não lembra de nada não" – aqui é evocado um dos piores massacres da história da França, quando foram mortos mais de 20.000 huguenotes (que é como os protestantes eram chamados) em apenas dois dias, em agosto de 1572. Na canção, a intolerância só pode ser possível para quem é ignorante ou quem não quer "lembra de nada". O uso do verbo "lembra" três vezes e a referência a deixar vender "peixe" e "limões" pode ser uma alusão ao "pão" e "vinho", utilizados no memorial eucarístico – chamando atenção para o fato de que religião é, essencialmente, ato memorial, exercício mnemônico, resgate das lembranças significativas.

Trata-se, em última instância, de um apelo à tolerância e à convivência pacífica entre as diferentes expressões de fé, afinal *o nome de Deus pode ser Oxalá / Jeová, Tupã, Jesus, Maomé / Maomé, Jesus, Tupã, Jeová / Oxalá e tantos mais*. Pois tais expressões não passam de sons diferentes, sim, para sonhos iguais.

Luiz Carlos Ramos, doutorando em Ciência da Religião e professor na área de Teologia Prática na Faculdade de Teologia/Umesp.

Omelete – Mistério, Paixão e Beleza

José Lima Jr.

A música (melodia, ritmo, harmonia) salva a religião da aridez dos dogmas. O Autor, a partir de uma canção-criança, 'reveste', que nem um estilista de vestuário, a música e a religião da tríade mistério, paixão, beleza. Faz isso porque tentaram 'desvesti-las'

Para o padre Paulinho, na lembrança de que tudo permanecerá do jeito que tem sido; transcorrendo, transformando.

Segundo os melhores dicionários etimológicos, a palavra francesa *omelette* também comporta uma hipótese semântica nada provocativa às delicadas suscetibilidades do colesterol. Devido a sua aparência achatada, *omelette* deriva do diminutivo de *alemelle*, que significa lâmina. Por isso, cortando desnecessárias adiposidades preambulares, quero quebrar alguns leves ovos, preparando uma breve fritada, talvez fina como lâmina, sobre MPB & MPB (Música Popular Brasileira & Mistério, Paixão, Beleza).

Porém, antes de uma abordagem sobre uma canção da Música Popular

Brasileira e sua relação com Mistério, Paixão e Beleza, creio serem apropriadas algumas observações envolvendo este último trinômio e a Teologia – aqui entendida como qualquer sistematização lógico-doutrinária sobre alguma prática religiosa.

Desde muitos séculos e de modo um tanto subalterno, *mistério, paixão, beleza* figuram próximos e imbricados com as experiências religiosas. De maneira geral, a religião dispõe e usa as coisas relativas ao mistério, à paixão e à beleza de tal forma que lhe sirvam como matérias-primas, ferramentas e técnicas na fabricação de teologias e liturgias. Entretanto, posto que uma análise a respeito dessa hierarquia e dessa pragmática extrapola os objetivos deste artigo, apenas desejo deixar explícito que suponho serem o mistério, a paixão e a beleza os constitutivos, em última instância, da experiência religiosa. Com efeito, também defendo que sem mistério, paixão e beleza não haveria e nem sobreviveriam as religiões e suas teologias e liturgias.

Assim, corrigindo um pouco o curso do raciocínio acima, volto ao tema desta TEMPO E PRESENÇA: Dentre as expressões da beleza, passo, óbvio, a discorrer mais especificamente sobre a música. E me dou conta de que ela vem sustentando a religião muito mais do que o senso comum costuma admitir. Aliás, parece que a maioria das pessoas acredita ser a religião mais importante que a música. E nessa cla-

ve interpretativa, essas pessoas supõem, por conseguinte, que se a música for popular, então seu distanciamento em relação ao que entendem por sagrado fica maior e a relevância dela (música popular) soa mais precária ainda. Nesse contexto, não são poucos, portanto, os avisos religiosos alertando para o perigo de se trocar 'tais' coisas sagradas pelas assim chamadas 'coisas do mundo'. Ou, por 'outro' lado, quando alguns expedientes das estruturas religiosas procuram um diálogo com a música popular, demonstrando alguma tolerância, ainda se sente um clima de grande empenho da religião em resgatar o que houver, porventura, de proveitoso na música tocada e cantada pelas esquinas da vida profana. As exceções entre esses dois procedimentos apenas os confirmam como estreitos limites regulares.

Imagino, a esta altura do artigo, desnecessário assinalar minha posição. Contudo, sinto-me obrigado a escrever, pelo menos provisoriamente, o seguinte 'argumento': Considerando que a fé surge como resposta da corporeidade (em seu imaginativo simbólico-cultural) ao mistério... Considerando que a fé abarca o racional, mas que essa rationalidade é apenas parte... Considerando que além da razão, a experiência religiosa só ocorre se houver um envolvimento da corporeidade – como um todo – com o misterioso, alcançando instintos, emoções, comportamentos, desejos, etc., numa sublime embalagem do estético... Conside-



rando que a beleza encerra mais mistérios que razões suficientes e eficientes e que, portanto, há nela dimensões inundadas pela paixão – essa fisiologia que lança o corpo num oceânico desassossego... Considerando que a música oferece uma experiência estética compromissada com a beleza e seus mistérios, articuladora das corpóreas faculdades racionais, instintivas, emotivas, comportamentais, desejantes, etc. ... Considerando que a música – como misteriosa moldura para a beleza – seduz o corpo a experimentar algo tão misterioso, sublime e tremendo que lhe faltam formas racionais para representá-la... Concluo que a música afina o corpo para que este entre em acordo e sintonia com a experiência da fé. Concluo, também, que a música não substitui a fé e vice-versa; somente reconheço que ambas são de um mesmo registro mágico/supralógico/estético. Concluo, ainda, à guisa de comparação, que a música está para a fé assim como o teatro está para o amor.

Nestes termos, fico à vontade para supor que toda tentativa de redenção

A religião dispõe e usa as coisas relativas ao mistério, à paixão e à beleza de tal forma que lhe sirvam como matérias-primas, ferramentas e técnicas na fabricação de teologias e liturgias

dirigida à música é um equívoco. A música não precisa ser ‘salva’ pela religião. Afinal, o que ocorre é exatamente seu oposto: a religião é que é resgatada pela música. Não significa favor algum a religião e suas teologias e liturgias encontrarem elementos ‘proveitosos’ na música. Ao contrário, quando a religião se volta, de maneira madura, para a complexidade da música, a teologia e a liturgia superam a pretensiosa fantasia de superioridade e reconhecem, no seu código genético, algumas cifras físicas e metafísicas – próprias da invenção musical.

No caso da música popular, justa-

mente por ser popular, existe um valor pouco destacado pela religião: só é música popular aquela que o corpo sabe de cor, conhece de coração. Por isso o corpo, sem esforço, assobia e canta a canção da música popular, tendo *incorporado* seu ritmo, sua melodia, sua harmonia. Essa ‘natural’ fluência sonora ecoa uma virtude de hábito, consoante a passagem do ar submetida a voluntárias modulações, fluxos e óbices na oralidade. Reputo como impróprio o rótulo de ‘automatismo’ (numa conotação de vício) para designar o caráter meio descompromissado (‘desligado’), com que o corpo assobia ou canta uma música de cor. Bem mais que automatismo, degustar um saber-de-cor corresponde a uma experiência corpoética, supralógica, abrangente, vit(r)al... ao ponto de ir além dos limites do controle da racionalidade – esta, sempre dependente de divisões, fragmentações, tensões e sínteses artificiais. O modo ‘natural’ de assobiar ou cantar uma música que se sabe de cor transcende a dimensão prática, mediatizante, da

ação corpórea. Alcança o infinito do imediato: graça em si mesma – uma espécie de sacramento administrado pelo próprio corpo a si próprio. Assobiar e cantar de cor *incorpora* mistério, paixão e beleza numa litúrgica teologização do cotidiano – como se no cotidiano não houvesse o divino.

Bem, desconfio que continuar refletindo nessa direção levaria à leitura cada vez mais afastada daquilo que gosto de assobiar e cantar de cor. E rememorando algumas canções da música popular brasileira, vou retomar uma que, espero, possa trazer um pouco mais de luz a estes parágrafos, já um bocado cansativos.

Infelizmente, só mais um lembrete. A canção que irei apresentar a seguir será muitíssimo prejudicada pela ausência daquilo que a constitui e sustenta: seu tripé rítmico-melódico-harmônico. Vou apenas transcrever a parte literária. E nisso estou correndo um enorme risco: dar a entender que só na letra de uma canção é que se encontra alguma religiosidade. Se assim fosse, a religião acabaria (como alguns até gostariam) reduzida a doutrinas cristalizadas em dogmas. Portanto, destaco com todas as *letras* que a parte literária de uma canção sempre depende de seu fraseado rítmico e melódico (momentos e movimentos do ar travestido como espírito) e que, por isso, cada palavra sofreu um processo de seleção e combinação conforme os parâmetros do ritmo e da melodia (passíveis de religiosidade). A rigor, a letra de uma canção não tem existência própria ou independente da sua base musical. Destaco, além disso e por distinta complementaridade, que toda letra de canção com densa função poética é um arranjo harmônico em que soa um ritmo melódico da própria matéria da palavra oral. Se ela aparece escrita, é, antes, fonema e como tal

guarda um valor de som/sentido na *música* de uma estrutura lingüística.

AMARRA O TEU ARADO

A UMA ESTRELA

Gilberto Gil

*Se os frutos produzidos pela terra
ainda não são
tão doces e polpidos quanto*

as pêras

da tua ilusão

*amarra o teu arado a uma estrela
e os tempos darão*

safras e safras de sonhos

quilos e quilos de amor

noutros planetas risonhos

outras espécies de dor

*Se os campos cultivados neste
mundo*

são duros demais

e os solos assolados pela guerra

não produzem a paz

*amarra o teu arado a uma estrela
e aí tu serás*

o lavrador louco dos astros

o camponês solto nos céus

e quanto mais longe da terra

tanto mais longe de Deus.

Como toda canção, esta também tem sua história. Segundo o livro *Todas as letras*, publicado pela Companhia das Letras (S. Paulo, 1996), organizado por Carlos Rennó, esta composição de 1988 atendia a uma circunstância peculiarmente doméstica. "Participando de uma gincana escolar do Instituto Social da Bahia (Isba), onde cursava a oitava série, Fátima Giordano, irmã de Flora Gil e cunhada de Gilberto Gil, recebeu a tarefa de levar, no dia seguinte, gravada, uma canção sobre o tema: 'Amarra o teu arado a uma estrela'. O compositor achou a frase 'estranha, provocativa', e fez a música, que venceu o concurso" (obra citada, p. 323).

Quinze anos se passaram e a História, revisada pelo Cotidiano, oferece alguns fatos renovados. Quem havia gravado *Refazenda* (1975), *Refavela* (1977), *Rebento* (1979) e *Realce* (1979), começa 2003 como que remexendo a política em seu caldo cultural. E, como Ministro de Estado num tempo de guerra, pastoreia a luta pela paz, amarrado a uma estrela vermelha que se propõe arar novos ares. Coisas do Tempo Rei.

Assim, com reverência sincera e singelas alpargatas, ouso seguir esses *passos* literários de Gilberto Gil, buscando a sombra de sua emblemática *moreira* tropical. E como clave interpretativa transfiro suas palavras para um aforismo profético: *aquele que, ao fugir da sua realidade, imagina coisas estranhas e provocativas, perde-se e se salva em mistificações*.

Ensinaram-me alguns seminários que as marcas de uma profecia são, pelo menos, duas: denúncia de falhas e anúncio de alternativas. Aplicando essa lição, parece-me que o poeta/profeta de Fátima denuncia um descompasso entre a realidade concreta da condição humana e a imaginação abstruída da concretude dessa mesma realidade. Em seus termos: *os frutos produzidos pela terra não são tão doces e polpidos quanto as pêras da ilusão* (...) *os campos cultivados neste mundo são duros demais e os solos assolados pela guerra não produzem a paz*. E como, num determinado sentido, a condição humana corresponde muito mais ao cosmo da cultura (desejos e símbolos) do que ao caótico da natureza, esse descompasso é imensamente desconfortável para quem se tornou humano. A propósito, a conjunção *se*, principiando as duas partes do poema, mais que indicar uma hipótese, sinaliza uma causa, a matriz das mistificações: a falha, o descompasso.

Ao mesmo tempo o profeta/poeta baiano, sabendo que *o eterno deus Mudança*, anuncia que a alternativa imaginária – *amarra o teu arado a uma estrela* – é uma saída saudável/salvífica para a tensa impossibilidade de se resolver o descompasso. Assim, insisto num detalhe que julgo importante: Gil, filho de médico, não toma o real como um dado absoluto, posto de uma tal maneira de uma vez para sempre. O soteropolitano sugere que a concretude da realidade descompassada, mesmo descompassada, comporta um abstrato *ainda não*, expresso no segundo verso. Aliás, qual nota ao pé da pauta, não estaria ele insinuando que há sempre a chance de uma segunda versão para tudo? A coincidência favorecendo um eventual trocadilho recupera, no tema da paixão, algo misterioso e belo: a arte se diz, dizendo o indizível.

Agora, ressignificando as palavras de Gil, penso que o estranhamento e a provocação não se dirigem apenas à frase *amarra o teu arado a uma estrela*, mas também ao que a frase pode simbolizar como mistificação. Meditando um pouco mais, constato, na alternativa imaginária – *amarra o teu arado a uma estrela* – um tipo de mistificação “estranha e provocativa”. Estou convencido, por enquanto, de que mistificar de maneira estranha e provocativa equivale a fazer poesia, equivale a sentir a beleza sublime. Com a mesma convicção, expõe o contrário: mistificar sem estranhamento e sem provocação é deixar de sentir a beleza sublime, deixar de fazer poesia. Portanto, nem toda e qualquer mistificação é graça.

Sentir a beleza sublime, fazer poesia... saram e salvam a condição humana em sua paixão, em seu sofrimento, em sua fantasia diante do descompasso entre o real e o imaginário. O

Fico à vontade para supor que toda tentativa de redenção dirigida à música é um equívoco. A música não precisa ser ‘salva’ pela religião. Afinal, o que ocorre é exatamente seu oposto: a religião é que é resgatada pela música

belo sublime e o poético salvam e saram porque rearranjam o descompasso de forma estranha e provocativa, sem eliminá-lo por completo. Por sinal, uma eliminação plena do descompasso é impossível e só é imaginada quando da mistificação não-poética, não-sublime.

O estranhamento e a provocação de tal rearranjo é uma espécie de *religação* inclusiva: o mistério (essa outra denominação do divino) e a paixão (dessa sempre humana e desconfortável realidade) reinventam uma beleza sublime (nessa imaginativa busca de inclusão do desejo no descompasso). Assim, *os tempos darão / safras e safras de sonhos / quilos e quilos de amor / outros planetas risonhos / outras espécies de dor*. Assim, amor-e-dor rima um terno descompasso. Assim, *tu serás / o lavrador louco dos astros / o camponês solto nos céus / e quanto mais longe da terra / tanto mais longe de Deus*. Assim, céus-e-Deus ecoa um eterno descompasso.

Ainda noto estranhamento e provocação nas inclusões que Gilberto Gil opera a partir duma complexa complementaridade por dupla oposição: oposição no interior de cada série e oposição entre séries. Quando, na primeira parte da canção, aparecem *coisas do arado* (*frutos, terra, doces, polpudos, pêras, tempos, safras, sonhos, quilos, amor, espécies, dor*) *noutros plane-*

tas... e quando, na segunda parte, aparecem *coisas da estrela* (*louco, astros, solto, céus, longe, Deus*) *para lavrador/camponês...* o descompasso da paixão acaba sendo refeito pela inclusão que mistifica sublime e poeticamente, tanto as oposições no interior de cada série quanto uma série e sua oposta.

Tamanha mistura de mistério, paixão e beleza numa canção da música popular brasileira me provoca, ainda de modo estranho, pelo que tal mistura (misteriosa e) estranhamente espelha o símbolo taoísta: do impetuoso *yang* e do repousante *yin*. No círculo do Tao cada elemento contém algo de seu oposto. Na canção, o místico Gil poetiza a primeira parte (do arado) incluindo um detalhe da segunda (da estrela), e nesta acolhe também algum aspecto daquela.

E finalizando meu omelete pouco homilético, sabe-me muito bem que no ímpeto do arado repousa uma estrela e que no repouso da estrela um arado rompe a rasgar. Há nisso, confesso, uma beleza misteriosa que pastoreia minha paixão, deixando-me perdido no que penso sentir e salvo pelo que sei de cor, com o coração. Meu descompasso, confesso também, é oportunidade para que um outro contratempo me venha marcar, esteticamente, num ritmo tenso, de qualidade mais densa e num balanço sincopado, minha dança com o mistério. Experimentar essa mistificação através de canções compostas por pastores como Gilberto Gil e outros da Música Popular Brasileira, confesso ainda, aceito como algo *divino, maravilhoso...* nem dá tempo de temer a morte!

José Lima Jr., doutor em Filosofia, professor na Faculdade de Ciências Humanas, da Universidade Metodista de Piracicaba. Dentro suas publicações está *Humorte – cosquinhias semióticas no umbigo da entropia*.

Pentecostais: sons e música na celebração da fé

Rogério Ferreira do Nascimento

Para alguns as mudanças bruscas das práticas 'cantoriais' nos templos seja evangélicos, seja romano-católicos originaram resistências extensivas e instrumentos 'não-litúrgicos', ritmos não-sacros. O mercado, contudo se interessou e vai-se imiscuindo

É dia de culto em uma comunidade pentecostal, em Minas Gerais. Do templo, próximo a uma das ruas principais da cidade onde funciona, ouvem-se vários sons. A proximidade do templo com a rua acaba sendo um apelo aos transeuntes para se achegarem.

Do lado de dentro é possível perceber uma canção, orações, som de guitarra, o ritmo da bateria, o acompanhamento do baixo, o solo de um órgão ao fundo. Talvez algum forasteiro, mal informado, não compreenda o que se passa por ali. As baladas musicais, ao formarem um ritmo agradável e popular, acabam atiçando mais ainda a curiosidade de quem por ali se achega, convidando de vez a entrar no recinto.

Dentro do templo o ambiente é de devoção. Devoção que carrega em si uma luta, uma resistência aos males e

às tristezas da vida. Não foram poucas as pessoas que chegaram ali cabibuscas e desanimadas. A dureza do cotidiano de quem vive no seio das classes populares e daí enxerga o mundo chega às vezes a ser assustadora. Mete medo. Mas, ao entrar no templo, o cansaço e o desânimo vão dando lugar a outros sentimentos como a fé, o ânimo, a esperança, a coragem.

Os ritmos, as canções e as vozes vão se alternando. Bem à frente de todos, próximo ao púlpito, um grupo de coreografia põe-se a fazer a sua performance. Dançar na presença de Deus é uma forma de louvor. Louvor que traz alívio para todo corpo carregado de males e pressões do dia-a-dia. O convite é feito a todos. A maioria dos que se fazem presentes entra na dança. O dirigente do louvor canta uma canção:

*Pelo Senhor, marchamos sim,
o seu exército, poderoso é,
sua glória será vista em toda terra!*

(Refrão)

*O nosso General é Cristo,
Seguimos os seus passos,
Nenhum inimigo nos resistirá!*

*Pelo Senhor, marchamos sim,
em suas mãos, a chave da vitória,
que nos leva a possuir
a terra prometida!*

Essa canção e uma série de outras que se seguem são gradativamente absorvidas pela comunidade dos fiéis, que diante de tamanha animação, can-

ta, dança e bate palmas. O entusiasmo (*a alegria de ter Deus em seu interior*) contagia a todos. De vez em quando se ouve um "glória a Deus!" um "aleluia!". As letras das canções celebram a vitória sobre "os inimigos" de Deus, sobre os problemas, afirmando a necessidade permanente de transpor os obstáculos. Falam também, da dignidade dos filhos de Deus e da força incomensurável do Espírito Santo.

Essa celebração se repete sempre nos cultos dominicais realizados na Igreja Casa da Bênção, localizada no centro da cidade de Juiz de Fora. Como broto pentecostal que é, essa Igreja muito provavelmente reproduz alguns dos elementos principais que fazem parte da sonoridade pentecostal. É possível, ainda, sem necessariamente ser nessa ordem, nem com todas essas cores, e até mesmo com a subtração de alguns elementos aqui descritos, que muitas outras igrejas pentecostais espalhadas pelo Brasil afora também reproduzam semelhante ambiente de acolhimento, alegria, vibração, sonoridade e musicalidade.

II

Como sugere a descrição acima, o universo pentecostal é extremamente sonoro. Para alguns, sonoro até demais. Enquanto o silêncio é sinal de reverência em certos ambientes do catolicismo e do protestantismo, o mesmo não ocorre no pentecostalismo. Não é difícil ouvir em determinadas igrejas pentecostais, que "crente que é cren-

te, tem que fazer barulho". "Tem que louvar a Deus com vontade!" E o pentecostal quando louva a Deus e celebra sua fé, o faz realmente com determinação. Entram em cena nesse sentido seu corpo, sua voz e todos os tipos de instrumentos musicais que ele puder manusear. O que passa a estar em jogo não é mais a tradição mas, sim, a emoção.

Uma olhada para trás, e ver-se-á que muitas dessas características sonoras e musicais do pentecostalismo podem ser encontradas na própria origem do movimento. Dos 'avivamentos' ocorridos nos séculos XVIII e XIX no protestantismo norte-americano, os pentecostais herdariam uma música, altamente emotiva, articulada com letras simples e repetitivas. Da religiosidade negra viria, por outro lado, o ritmo, os sons e a improvisação. Como destaca o teólogo Harvey Cox, os negros tinham uma maneira bem pessoal de celebrar a sua fé: "eles estavam

acostumados a gritar e dançar e ser possuídos pelo Espírito". Portanto, desde o início os pentecostais valorizam esse improviso, essa expressão corporal e os ritmos musicais simples e populares.

Enquanto a maioria das igrejas protestantes persistia obstinadamente em manter como fonte exclusiva de ado-

Como a tendência intrínseca do pentecostalismo é a acolhida de canções que tenham letras mais simples e cuja temática saia da própria vivência do cotidiano dos fiéis (libertação, cura, solução de problemas, etc.) o que se vê é uma adoção progressiva de corinhos e canções mais ligadas à experiência existencial dos fiéis

ração o órgão e o piano, um número expressivo de pentecostais inovou ao trazer para o culto a guitarra, o violão, variados instrumentos de sopro e instrumentos de percussão, como a bateria. Causava escândalo nos meios tradicionais norte-americanos da década de 1920, o grupo de louvor e adoração da 'irmã' Aimée Simple Macpherson, fundadora da Igreja do Evangelho Quadrangular. Seu arrojo musical e instrumental foi motivo de muitas polêmicas nos jornais da época.

Se é um fato que a hinologia pentecostal se desenvolve por caminhos diferentes do protestantismo, por outro lado, não se pode negar que todos os ramos pentecostais são herdeiros da grande tradição hinológica do protestantismo. Os primeiros pentecostais brasileiros (Assembléia de Deus e Congregação Cristã do Brasil) atestam isso fazendo uso sistemático até hoje, em suas liturgias, de hinários com muitos cânticos provenientes do protestantis-

Sons e música, num ambiente pleno de sagrado, permitiram ao crente pentecostal articular novos sentidos para seu posicionamento no mundo



Toninho Muricy

mo. Mas, como a tendência intrínseca do pentecostalismo é a acolhida de canções que tenham letras mais simples e cuja temática saia da própria vivência do cotidiano dos fiéis (liberação, cura, solução de problemas, etc.) o que se vê é uma adoção progressiva de corinhos e canções mais ligadas à experiência existencial dos fiéis.

III

Ainda que essas marcas de adoração e celebração façam parte da maneira de ser pentecostal é preciso reconhecer, entretanto, as consideráveis mudanças que têm atingido muitas igrejas pentecostais no Brasil, nas duas últimas décadas.

Hoje é visível uma certa distinção litúrgica e musical entre as igrejas pentecostais. Enquanto as igrejas do chamado pentecostalismo clássico aderem a novos ritmos e canções sem se desligarem de seus hinários tradicionais (*Harpa cristã* no caso das Assembléias de Deus e *Louvores e súplicas* no caso da Congregação Cristã do Brasil) as do médio-pentecostalismo (Casa da Bênção, Igreja do Evangelho Quadrangular e outras) e as recentes neopentecostais (Igreja Universal do Reino de Deus, Renascer em Cristo e similares) têm a tendência de abolir por completo a existência de hinários durante seus cultos. Por outro lado, é mais visível a presença do movimento *gospel* no seio das igrejas neopentecostais.

A origem desse movimento ainda precisa ser mais bem estudada, mas, ao que tudo indica, ele está inserido num amplo movimento de renovação musical e de costumes no universo das várias igrejas evangélicas no Brasil. Para o sociólogo da religião Ricardo Mariano, o movimento *gospel* se espalhou entre as várias igrejas evangélicas brasileiras por volta da década de 1980

Ao pôr fim aos preconceitos, todos os ritmos, gostos e estilos musicais acabaram sendo contemplados, desde o rock, o funk, a dance music, o blues, o rap, o pop, o samba até o forró e o sertanejo

criando um novo estilo de vida, com novos hábitos musicais e de consumo. Ao pôr fim aos preconceitos, todos os ritmos, gostos e estilos musicais acabaram sendo contemplados, desde o *rock*, o *funk*, a *dance music*, o *blues*, o *rap*, o *pop*, o samba até o forró e o sertanejo. O *gospel*, segundo alguns de seus propagandistas, seria definido menos pelo seu ritmo e estilo e mais pela mensagem que proclama.

Introduzido inicialmente no Brasil por grupos ligados às igrejas do protestantismo tradicional (batistas, metodistas e presbiterianos) ele foi logo capitaneado e difundido por parte da liderança ligada às igrejas neopentecostais como Universal do Reino de Deus e a Renascer em Cristo. Sua expansão social é maior nos setores da classe média brasileira.

A força que o estilo *gospel* e a música *gospel* desempenham dentro das igrejas neopentecostais é considerável. Nesse aspecto, não é difícil ver até mesmo uma verdadeira 'guerra mercadológica' entre os diferentes 'produtores *gospel*'. Há mesmo uma disputa acirrada entre eles para ver quem conquista mais espaço no seio das diferentes igrejas evangélicas hoje.

IV

O ramo pentecostal mais ligado ao movimento *gospel* como já se falou é o neopentecostal. Embora esse movimento acentue uma pluralidade de rit-

mos e gostos musicais, suas propostas nem sempre são bem vistas pelos outros ramos do pentecostalismo e do protestantismo.

Se o *movimento gospel* for entendido mais como um movimento mercadológico, cuja ênfase é o consumo, na música produzida para o *show* e fora do ambiente do culto, é possível perceber que ele se distancia consideravelmente da sonoridade e musicalidade produzida pelo pentecostalismo. Ele estaria ligado a uma nova tendência sonora e musical que hoje tem ganhado espaço dentro das chamadas igrejas neopentecostais.

Por sua vez, o pentecostalismo trabalharia com sons e uma música que lembraria mais aspectos de protesto e resistência. O falar em línguas (glossolalia), dançar, expressar sentimentos e cantar, na verdade uma multiplicidade de sons, num ambiente pleno do sagrado, permitiria ao crente pentecostal articular novos sentidos e ritmos para seu posicionamento no mundo. Permitiria que ele, sujeito na maioria das vezes desprezado pelo sistema, pudesse na linguagem do Espírito e na força do Espírito aniquilar os sentimentos de fracasso, medo e desordem.

■

Rogério Ferreira do Nascimento, historiador, mestre em Ciência da Religião pela Universidade Federal de Juiz de Fora.

Ivone Gebara

Rezas de sentido: memória e saudade

Às vezes fico pensando que esquecemos como começaram as nossas rezas ou orações. A razão desta afirmação vem da constatação de que em nossas liturgias há uma repetição sem fim das mesmas palavras. E estas já não ressoam com força em nossa vida pois não nascem de nosso cotidiano, de nosso contexto, de nossas perguntas. Então a reza fica sem história e sem força para ajudar a levar a vida adiante. Pois, é essa mesma a função da reza: "ajudar a levar a vida adiante". Ninguém precisa de nossa reza a não ser nós mesmas. E as rezas são tão diferentes quanto as pessoas e suas necessidades.

Nossos cantos, nossos lamentos, nossos louvores, nossos pedidos, nossa saudade nascem de nossas entradas como expressões poéticas e musicais do que vivemos. Um dia um poeta cantou: *cantar parece com não morrer*. E é isto mesmo o canto, a música, o poema, muitas vezes ajudam a não morrer a chama do amor, a chama de querer um mundo diferente, a chama de querer recomeçar de novo de outro jeito. *Cantar parece com não morrer*, cantar é uma forma de dar razão à vida.

Então, de repente a reza da gente se torna um pedaço de um canto ou um pedaço de uma música, ou a estrofe de um poema... pedaços que ficam na memória, às vezes de músicas e cantos diferentes que acabam se organizando em nós quase como uma nova composição pessoal.

Uma vez e outra a gente só se lembra de pedaços de músicas, tão diversos como a colcha de retalhos da vida: coloridos diferentes, tamanhos diferentes, texturas diferentes... Outras vezes vem a canção toda. Ela sai inteira de repente, como se não pudéssemos parar de recitá-la para não perder o ritmo da vida. Ela tem que ser dita ou

cantada toda, por inteiro como se nada pudesse interromper esta memória misturada ao fôlego da vida. Isto me faz lembrar dos guias turísticos miúdos de Olinda que precisam começar a falar da chegada dos portugueses e terminar com a expressão "O' que linda situação para uma cidade". Não se pode interrompê-los. A lição aprendida está inteira, sem cortes e nem respostas a pedidos de explicação. Se algum turista interrompe, há que começar a contar a história de novo.

Não conheço muitas letras de música. Conheço apenas pedaços; também não conheço as músicas todas com seu ritmo e compasso. Conheço pedaços que ecoam em mim embora não consiga reproduzi-los de viva voz. Mas, a música toca em mim. Posso ouvi-la com meus ouvidos internos. E eles me despertam para saudades eternas... Mas não é qualquer música, nem qualquer canto, nem qualquer poema. São apenas os que conseguem arrancar aquele som tênue, aquele quase sentido que ecoa do fundo do meu ser.

O cancioneiro popular brasileiro é um livro de salmos talvez bem mais próximo do que os velhos que nos vieram da tradição judaica. Falam de nós mesmos, do jeito nosso de viver a vida, do jeito nosso de sonhar o mundo. Falam de nossas matas, da terra ardendo como fogueira de São João, do verde dos olhos da morena se espalhando pela plantação, da saudade, da tristeza sem fim, da fome do sertão, dos amores e desamores da vida... São os salmos do momento, os salmos que brotam da inspiração de poetas e poetisas capazes de expressar experiências variadas de todas nós.

Leiam este pedaço de salmo teológico do Gilberto Gil e escutem a música que não consigo reproduzir:

*Se eu quiser falar com Deus
Tenho que ficar a sós
Tenho que apagar a luz
Tenho que calar a voz
Tenho que encontrar a paz
Tenho que folgar os nós... (...)*

*Tenho que ter as mãos vazias
Ter a alma e o corpo nus... (...)*

*Se eu quiser falar com Deus
Tenho que me aventurar
Tenho que subir aos céus
sem cordas para segurar...*

E o outro salmo do Catulo da Paixão Cearense, um salmo de amor e saudade da terra, salmo que revolve as entranhas e faz sentir saudade para além das saudades.

Não há, ó gente, ó não, luar como este do sertão...

O' que saudade do luar da minha terra, / lá na serra branquejando folhas / secas pelo chão. / Este luar cá da cidade, tão escuro / não tem aquela saudade / do luar lá do meu sertão...

(...)

Se a lua nasce por detrás da verde mata, / mais parece um sol de prata / prateando a solidão. / A gente pega na viola que ponteia / e a canção à lua cheia / a nos nascer do coração. (...)

Se Deus me ouvisse por amor e caridade / me fazia esta piedade, / ideal ao coração.../ Era que o amor ao despertar me surpreendesse / e eu te amasse numa noite / de luar lá do sertão.

E me veio agora aquele outro poema de Noel Rosa e João do Barro (*As pastorinhas*), aquele que fala da estrela Dalva que ... no céu desponta e a lua anda tonta com tamanho esplendor,

*E as pastorinhas para consolo da lua
Vão cantando na rua lindos versos de amor.
Linda pastora morena da cor de Madalena
Tu não tens pena de mim que vivo tonto com
o teu olhar
Linda criança tu não me sais da lembrança
Meu coração não se cansa
de sempre, sempre te amar.*

Não sei dizer com clareza o que estes pedaços de canções, estes sonetos de amor e saudade despertam em mim. Mas há algo neles que me convida a entrar no poço de minha vida, há algo nelas que me convida à beleza, há algo nelas que me convida a ser mais próxima da gente da minha rua.

E de repente desde a minha rua, me lembrei da Romaria de Renato Teixeira recuperando algo da experiência do romeiro em busca de ajuda. Fico muito tocada quando ouço vozes desarmonizadas em diferentes lugares do Nordeste entoando este lamento. Minha visão crítica das religiões se abre para o complexo sentido da busca de consolo e ajuda.

*Sou caipira Pirapora Nossa Senhora de Aparecida,
ilumina a mina escura e funda, o trem de minha vida.
(...)*

Um dia, era em Juazeiro no Ceará. Cedo eu chegava para participar de uma Romaria. Estava à porta da Igreja repleta de fiéis romeiros. De repente vi um camponês idoso, que de chapéu na mão e com muita dificuldade buscava lentamente aproximar-se do altar de Nossa Senhora das Dores. Me dispus a ajudá-lo a abrir caminhos até o altar e fiquei próxima dele. Quando chegou onde queria, ficou imóvel contemplando a imagem da Virgem. E então no meio do barulho da multidão e do fundo musical do qual não me lembro, ele me disse: "Como ela é bonita!" A multidão, a imagem, a beleza descoberta parecem iluminar o trem da vida.

Redescobrir nas nossas canções os nossos amores. Redescobrir nas nossas músicas nossos cantos de sentido e de esperança. Por aqui passa também o caminho da cidadania, uma cidadania que precisa ser afirmada em todos os níveis da vida. A rua da reza, da liturgia, dos poemas de sentido comunitário tem que ser nossa. Temos que ladrilhá-la com nossos pedrinhas, juntadas com cimento de amor para nossos amores.

*Se esta rua, se esta rua fosse minha ...
Eu mandava eu mandava ladrilhar,
Com pedrinhas, com pedrinhas de brilhante,
para o meu, para o meu amor passar.*

A luta antiimperial hoje

Emir Sader

É excepcionalmente agradável e saudável ler dois profetas: um (este artigo) que se exime de atacar os reinos das guerras corsárias modernas para avisar-nos das brechas restantes em decorrência da cupidez bélica desgastada por unanimidades européias, latino-americanas e outras – aberturas que devem levá-nos a descobrir uma nova hegemonia; outro (box) a anunciar certo começo do fim de um império – o das armas – e a emergência de outro – o da consciência ética

Os Estados Unidos da América (EUA) gozaram uma lua-de-mel especial durante a década de 1990. A desaparição da União Soviética (URSS) abriu o campo para o reinado de uma única superpotência. Triunfava, com os EUA, a democracia liberal, que se somava ao predomínio da variante liberal da economia capitalista. Precisamente os antigos territórios do leste europeu, ex-região de regimes do campo socialista, reciclaram-se para democracias liberais de economias neoliberais.

O eixo democracia liberal/economia capitalista de mercado/direitos humanos tornou-se a doutrina fundamental de um poder imperial vitorioso, que

interviu militarmente nos anos de 1990, mas para expulsar tropas de um país que havia invadido outro; para levar assistência humanitária a um país africano que passava fome; para terminar com uma “limpeza étnica”. As três intervenções puderam ser justificadas por pensadores europeus, como Nberto Bobbio, com a tese da “guerra justa”, ou por membros do Partido Radical da Itália, como Emma Bonino, com a tese da “intervenção humanitária”.

Mas o carro-chefe da hegemonia norte-americana não era sua superioridade militar, embora estivesse colocada no horizonte. Foram os EUA que fizeram a guerra do Golfo, financiados pela Alemanha e pelo Japão, principalmente, por defenderem valores e interesses do conjunto das potências capitalistas – dependentes da *pax americana* para conseguirem abastecer-se de petróleo. O carro-chefe é o êxito do *american way of life*, combinação de democracia política – no sentido liberal, vitorioso hegemonicamente nas décadas anteriores e identificado diretamente com democracia –, liberdades individuais e progresso material que se mostrou ao mundo como o sucesso nos planos econômico, político e tecnológico.

A exportação desse modelo de sociedade encontrou no mais poderoso aparelho de propaganda jamais existente na história – a combinação entre meios de comunicação e indústria do divertimento – o instrumento de sua

universalização. Eles compõem um impressionante aparato econômico, informativo e de divertimento, que chega quase ao mundo inteiro, generalizando estilos musicais, cinematográficos, de moda, de gênero informativo, próximo a uma formidável homogeneização que acompanha e dá alma à globalização neoliberal. Os critérios de verdade, de beleza, morais, gerados por esses mecanismos, se estendem como nunca o Ocidente havia conseguido. McDonald's, Hollywood, jeans, Coca-Cola, CNN, Microsoft são símbolos da ‘universalidade’ do *american way of life* e do seu sucesso mundial.

As teses de Francis Fukuyama sobre o fim da história correspondem à idéia política de que a história teria chegado a seu horizonte último: “a democracia liberal e a economia capitalista de mercado”. Seguiriam ocorrendo acontecimentos, porém nenhum superando esse marco histórico, seu patamar final.

A resistência à globalização neoliberal dar-se-ia no marco de economias pré-capitalistas; a resistência à democracia liberal ocorreria no marco de Estados fundamentalistas, que sequer instauraram a separação entre religião e política. Os casos dos Estados árabes serviram como ilustração para reforçar o argumento. A polarização entre o modelo norte-americano e o dos regimes islâmicos foi paradigmática desse raciocínio. A polarização capitalismo/socialismo – traduzida pela ideologia liberal na oposição democra-



cia/totalitarismo – foi substituída por aquela outra entre liberalismo político e econômico, e fundamentalismo.

Nesse sentido, a obra de Samuel Huntington, *O choque de civilizações*, é um complemento e não um desmentido às teses de Fukuyama. Terminada a bipolaridade EUA/URSS, a história contemporânea seria movida por conflitos entre civilizações, dentre os quais o conflito entre liberalismo – como expressão da civilização ocidental – e o islamismo seria o mais agudo.

A nova doutrina imperial norte-americana adota as teses de Hun-

tington para interpretar o significado dos atentados de setembro de 2001, retomando expressões como “uma nova cruzada” e “eixo do bem contra eixo do mal”, sob um pano de fundo claro de criminalização do islamismo e de caracterização das sociedades árabes contemporâneas – entre elas a iraquiana, a palestina, a síria, a iraniana – como novos modelos de regimes totalitários. Reatualizava-se, assim, o modelo que tantos ganhos trouxe para os EUA na luta contra a URSS, da oposição entre democracia/totalitarismo, com o “terrorismo” substituindo

a “subversão” atribuída aos partidos comunistas e movimentos guerrilheiros do período histórico anterior.

Porém, ao mesmo tempo, ao dar-lhe forte conteúdo militar, fazendo valer a inquestionável superioridade norte-americana nesse plano, deu um destaque radical à força em detrimento do consenso. Este se assentava na capacidade de expansão da economia dos EUA, revertida na virada do século, enfraquecendo as teses do livre comércio como passaporte para seguir o sucesso econômico norte-americano.

A guerra do Iraque representa o momento máximo de unilateralismo e de utilização da superioridade militar dos EUA como potência hegemônica. Os EUA ganham em capacidade unilateral de ação, mas se isolam, aprofundam divergências no bloco de potências dominantes e em órgãos internacionais como a ONU e até mesmo a Organização do Tratado do Atlântico Norte (Otan).

No entanto, essa ênfase não altera, apenas diminui a importância do modelo de sociedade que os EUA exibem ao mundo como expressão do sucesso de sua democracia e de sua economia. Grande parte dos países segue dependendo do mercado norte-americano, a imagem do estilo norte-americano de viver continua exercendo seu fascínio, a mídia dos EUA continua tendo peso determinante na formação da opinião pública mundial. E assim será, enquanto não surgirem formas alternativas de construção de sociedade, que

edifiquem sistemas políticos democráticos, economias e formas de sociabilidade alternativos. Até lá, o poder de atração dos EUA continuará sendo um elemento de força da capacidade hegemônica norte-americana, mesmo se governos determinados possam colocá-la em segundo plano.

A luta contra a hegemonia imperial norte-americana na sua forma atual precisa, em primeiro lugar, evitar a armadilha da militarização, que desloca para o campo dos confrontamentos de força a luta entre os EUA e seus inimigos. Linhas de ação como a dos palestinos e das guerrilhas colombianas – justamente nos dois epicentros da “guerra infinita” de resposta violenta – tendem a fortalecer a generalização dos confrontamentos militares, numa correlação de forças muito desfavorável, que bloqueia a possibilidade de vitórias como as obtidas no período histórico anterior.

Na vigência da bipolaridade mundial, vitórias sobre os EUA foram possíveis – Cuba, Vietnã, Irã, Nicarágua, por exemplo, entre os anos 1959 e 1979 –, através de estratégias insurrecionais. Situadas em zonas de disputa – nos casos do Vietnã e do Irã – ou valendo-se do fator surpresa, derrotas foram impostas aos EUA, sob o pano de fundo do equilíbrio político-militar entre as duas superpotências.

A década de 1990 introduziu as lutas antiimperialistas num novo marco – o da unipolaridade mundial. Seus reflexos não demoraram a se fazer sentir: o fim do regime sandinista e a reconversão das guerrilhas salvadorenha e guatemalteca à luta institucional foram algumas das consequências dire-

O carro-chefe da hegemonia norte-americana não era sua superioridade militar, embora estivesse colocada no horizonte. O carro-chefe é o êxito do *american way of life*, combinação de democracia política, liberdades individuais e progresso material nos planos econômico, político e tecnológico

tas da nova correlação de forças em escala mundial. Todas essas viradas tiveram que ver, direta ou indiretamente, com a mudança radical na relação de forças internacional. Os três movimentos nos países centro-americanos buscavam a ruptura com o sistema de dominação norte-americano. A partir daquele momento, com a hegemonia dos modelos neoliberais, a luta passou de um caráter antiimperialista ao de resistência ao neoliberalismo, no horizonte da economia capitalista.

A tônica nessa luta foi deslocada para a resistência de movimentos sociais aos projetos regressivos ligados à prioridade do ajuste fiscal e de políticas de mercantilização, e para a crítica social e moral contra as consequências negativas dessas políticas. Salvo a Colômbia, cuja situação seguiu na mesma direção das décadas anteriores, o resto do Continente se deslocou para as lutas sociais, culturais e políticas no plano institucional, removendo o confrontamento do plano militar.

Os maiores sucessos nessa luta se deram pela catalisação da rejeição popular a políticas de ajuste fiscal –

como nos casos venezuelano, brasileiro e equatoriano –, que colocam a luta antineoliberal como o marco contemporâneo da luta antiimperial. O tema da guerra se acrescenta a ele, conforme o governo Bush associa estreitamente o futuro da hegemonia norte-americana no mundo à sua capacidade de exportar seu modelo para países e regiões com trajetórias muito diferenciadas.

A guerra pode abrir, muito mais cedo que se poderia supor, um espaço para um mundo multilateral, mais além do unilateralismo norte-americano, conforme os graus de desgaste e, principalmente, segundo a capacidade de articulação dos que se opõem à posição belicista norte-americana, especialmente entre governos europeus, como os da Alemanha e da França, e governos latino-americanos, como o do Brasil, além eventualmente da Rússia, da China e de outros que não somem automaticamente sob a hegemonia dos EUA. Grupos como o do anti-G8 (os oito países mais ricos) podem desempenhar o papel de articular os principais países do sul do mundo, como o Brasil – convidado para presidi-los –, a Índia, a China, a África do Sul, o México, a Indonésia, a Nigéria, entre outros.

Mais do que nunca, o advento do século XXI é a disputa por uma nova hegemonia e contra a hegemonia norte-americana, pela emancipação e contra a dominação imperial. ■

Emir Sader, doutor em Sociologia, professor na Uerj e membro do Conselho Editorial de **TEMPO E PRESENÇA**.

DUAS SUPERPOTÊNCIAS

OLINTO A. PEGORARO

A superpotência bélica americana não calculou que esbarraria contra outra superpotência, muito mais forte, a consciência ética e política de mais de cem países e de milhões de pessoas que em seiscentas praças clamaram (e continuam clamando) pela paz. O mundo está convicto de que a paz não só é possível, mas é também o caminho da construção de uma convivência mais feliz entre as nações. Este discurso ético é feito também por diplomatas, políticos, filósofos e pela consciência cristã: católica, luterana, metodista, batista e pelo Conselho Mundial de Igrejas.

Entretanto, a arrogância americana além de fazer ouvidos moucos ao clamor mundial, desprezou o Conselho de Segurança das Nações Unidas considerando-o irrelevante. Na política de Bush pesaram mais as armas que a moral, mais a força que a razão. Esta visão estreita prejudicou o mundo e criou na sociedade americana um clima de pavor permanente dos ataques de inimigos supostamente alojados *intra muros*.

Atendo-nos ao confronto das superpotências militar é moral, note-se que no brutal ataque de 11 de setembro de 2001 Bush recebeu o apoio unânime da consciência ética mundial, capital moral agora destruído pelo próprio governo americano e convertido em indignados protestos. Quem mudou de lado não foi a consciência ética mundial mas a Casa Branca, que, desde o atentado às torres de Nova York, defende uma só tese: combater o terrorismo. Este discurso pobre e negativo cristalizou-

se na espantosa doutrina Bush da guerra preventiva que pode colocar o mundo em permanente estado de guerra, nação contra nação, continente contra continente para dissuadir supostos inimigos. Ora, a consciência ético-política, hoje, considera obsoleta a distinção entre guerra justa e injusta. Nenhuma guerra é justa; mas o 'filósofo' da Casa Branca acaba de propor uma terceira tese: a guerra preventiva permitindo-lhe atacar países que, possivelmente, poderiam vir a ser um obstáculo aos americanos.

Mais ainda, o senhor da guerra constituiu-se também em árbitro do mundo definindo quais são as nações do bem e quais as do mal. Temos aqui um explícito fundamentalismo político conjugado com o fundamentalismo religioso. Ao contrário de tudo isto, desde os filósofos gregos sabemos que a força tecnológica deve ser subordinada à superioridade dos princípios ético-políticos. A coalizão anglo-americana fez exatamente o contrário.

Esta atitude falsa foi tomada em nome da liberdade, o bem mais precioso dos cidadãos. No discurso em que anunciou o início da invasão do Iraque, Bush disse que o principal objetivo da guerra era "a liberdade do povo iraquiano". Mas o povo, pela sua disposição à resistência do invasor, mostra que não esperava "o libertador americano" e por isso rejeita-o com veemência. Ademais, Bush afirma que, após a "libertação", será instaurada a democracia no Iraque. Mas que democracia é esta ditada militarmente por um

invasor todo-poderoso? Ao mesmo tempo, a doutrina Bush prega que a ação militar visa a eliminação do terrorismo. Ora, é sabido que o terrorismo guerrilheiro não se combate com o terrorismo tecnológico, sendo este pior que o primeiro. Já dizia um antigo adágio que se pegam mais moscas com uma gota de mel do que com um barril de fel.

De tudo isto podemos tirar duas conclusões: (1) a superpotência armada cai nas contradições supracitadas por que ela é cega aos grandes valores das pessoas e da cultura mundial; (2) não foi a ONU que perdeu a relevância mas o governo americano que não só se fechou para o mundo, mas também o ameaça.

Sucede, porém, que o apogeu do poder bélico coincide com o início do declínio como aconteceu com todos os impérios armados da história do mundo. É sempre mais fácil eliminar o adversário do que gastar tempo para convencê-lo com argumentos ou deixar-se convencer por ele. Um é o caminho curto da truculência, escolhido pela Casa Branca; outro é o caminho longo do debate ético político e da diplomacia dos outros países.

Estas são as duas superpotências do início do terceiro milênio: o império das armas contra o império da consciência ética.

Olinto A. Pegoraro, doutor em Filosofia, professor do Centro de Estudos de Ética e Sociedade e do Departamento de Filosofia da Uerj. Fonte: *Informativo Rede de Cristãos*.

Como meu neto vai enfrentar esta?

Cândido Grzybowski

Retratos das seqüelas de uma sociedade ferida, há décadas, por açoites políticos, econômicos integram este depoimento-grito a conamar todos (os netos) a rejeitarem as desigualdades "geradas" pela "diversidade de culturas, de estilos, de modos de vida"

Meu neto Yan nasceu em novembro de 2001. Está só com 1 ano e 4 meses. Esta guerra de Bush contra o Iraque já é a sua segunda guerra como cidadão do mundo. A primeira é aquela sem desfecho do Afeganistão, no pós 11 de setembro. Eu nasci em agosto de 1945, no dia em que os EUA lançaram a primeira bomba atômica sobre uma cidade japonesa, Hiroshima. Assim como eu não fui avisado em que mundo entrava, do mesmo modo meu neto não sabe que mundo está sendo gestado pelas guerras do Bush e qual será a sina que sua geração terá que enfrentar. Os cinqüenta e seis anos que nos separam, porém, não guardam somente laços de sangue a nos unir. Aliás, que mudança no meu neto. Sou e sinto-me orgulhosamente brasileiro, apesar do sobrenome que carrego a testemunhar uma herança cravada lá na imigração polonesa do final do século XIX, parte da grande imigração de estrangeiros associada à transformação do trabalho escravo no Brasil. Meu neto é uma síntese ainda mais elaborada, e bela expressão destes tempos contraditórios em que vivemos. Ele é um Grzybowski Abu-Asseff, genuíno brasileiro na síntese afetiva de minha filha Carvalho Grzybowski com um Jabur Abu-Asseff de descendência libanesa. Realmente, é bom ser brasileiro e dizer que, ao mesmo tempo, somos cidadãos do mundo! Isto apesar e acima dos fundamentalismos.

Pois bem, não sei como exprimir a minha impotência vendo o neto cres-

cer num quadro como temos hoje. No meu caso, lá no meio do século XX, tudo parecia possível. Ao menos, não me sentia ameaçado ou meus pais não passavam para mim a hostilidade do meio, se é que ela era igual à de hoje. O fato é que a guerra era algo muito distante, muito mesmo. Hoje, a guerra invade nosso cotidiano pela batalha de imagens e de palavras. Meu neto nem está aí, é verdade. Porém, qualquer criança, com alguns aninhos mais, está atenta e está sendo violentada em sua ciancice com o que se passa, com as imagens da televisão que lhe são mostradas, com o que vê por aí, com o que dizem pais e professores. Pior, o que dizer da violência do cotidiano desta nossa Rio de Janeiro, tão banalizada e parecendo tão normal? Afinal, não me lembro de nenhum colega assassinado quando vivia feliz a minha infância lá no interior do Rio Grande do Sul. Hoje, a violência está na porta, no ônibus, no metrô, na própria escola. Não dá para ser criança do mesmo modo. Será que minha geração não soube criar outro mundo para filhos e netos?

Diante da vivacidade e carinho de meu neto me derreto todo. Mas choro e me sinto derrotado por Gabi, a jovem que perdeu a vida estupidamente em uma estação de metrô, e seus pais e tantos outros que são tão violentamente atingidos no cotidiano, simplesmente por querer viver a vida tão generosa por natureza e tão degradada pelas relações humanas que criamos.



Dante da estrada do futuro, toda criança deveria viver, sem medo, "a experiência do gozo total da descoberta"

É como se meu neto fosse, ele mesmo, o atingido, e eu com ele. E como vai a cabecinha iluminada de todas as nossas crianças diante do quadro de violência que lhes oferecemos? Afinal, o que é, hoje, educar para a liberdade e dignidade humanas? Imagino nossas professoras e professores tentando passar valores éticos como regras de convívio a crianças ameaçadas por balas perdidas, bandidos armados nas ruas, seqüestradores na espreita e tan-

Quero que meu neto e os de sua geração vejam os diferentes, sejam quem forem, como nós mesmos com outras características. Quero que respeitem e amem a diversidade de culturas, de estilos, de modos de vida. Mas também que não aceitem as desigualdades geradas por tais diferenças. Quero que meu neto consiga entender isto para encarar o mundo com humanidade. É o que desejo para todas as crianças.

tas outras armadilhas do cotidiano de uma cidade como o Rio de Janeiro. E como é ser neto e avô nas favelas do fogo cruzado entre bandos armados e policiais truculentos? Como devem sofrer mães e pais que a cada dia, quase a cada instante, sentem os disparos de armas zunindo nos seus ouvidos? Como proteger filhas e filhos, netos e netas, em tais circunstâncias?

Recuso-me a aceitar a violência como um dado da realidade: é assim porque é assim! Meu neto, os netos e netas de meus amigos, vizinhos, colegas de trabalho, concidadãos do Rio e do mundo, não merecem tal herança. Quero que o seu beabá seja aquela experiência de gozo total da descoberta, sem medo. Quero que cada criança possa sorrir a todo adulto, homem ou mulher, pobre ou rico, negro ou branco, sem medo, abraçá-lo se quiser. Quero que meu neto e os de sua geração vejam os diferentes, sejam quem forem, como nós mesmos com outras características. Quero que respeitem e amem a diversidade de culturas, de estilos, de modos de vida. Mas também que não aceitem as desigualdades geradas por tais diferenças. Para isto, precisamos reagir. A violência é exceção e não regra de vida. Espero que meu neto consiga entender isto para encarar o mundo com humanidade. É o que desejo para todas as crianças.

Cândido Grzybowski, sociólogo, diretor do Ibase.

A DÉCADA PARA SUPERAR A VIOLENCIA É UMA GRANDE CONVOCAÇÃO PARA QUE AS PESSOAS DE BOA VONTADE E INSTITUIÇÕES SE UNAM MEDIANTE A DIGNIDADE HUMANA PARA O RESGATE DO PROFETISMO BÍBLICO: "A JUSTIÇA PRODUZIRÁ A PAZ" (ISAÍAS 32,17).



Para superar a violência

Igrejas-membros do Conic e representantes do Clai e de entidades parceiras da campanha da Década para Superar a Violência reuniram-se em Brasília, dias 21 e 22 de março, para o I Fórum da Década.

A coincidência com o início do ataque militar ao Iraque reforçou os debates e a convicção de que é urgente o compromisso da sociedade mundial com a promoção da dignidade humana e da paz. Em palestras, dinâmicas e trabalhos em grupo, os participantes revisaram a atuação da Comissão da Década, analisaram materiais e indicaram novos rumos e ações. Às igrejas, foi recomendada a realização de atividades que ajudem a superar a violência e construir a paz com as comunidades locais; às autoridades civis e eclesiásticas apelou-se para que denunciem a fabricação e comercialização de todos os tipos de armas; ao presidente do Brasil, que "faça o impossível"

para que o povo brasileiro possa viver dignamente e em paz. O Conic ficou encarregado de promover a interação entre a Comissão da Década e a Comissão da Campanha da Fraternidade Ecumênica de 2005.

A Secretaria Regional do Clai já distribuiu mais de 500 exemplares do texto **básico da Década para Superar a Violência** entre as igrejas-membros e lideranças comunitárias em todo o Brasil. Outros mil exemplares estão sendo enviados aos participantes da Rede Fale, composta por jovens evangélicos que atuam por meio de cartões postais sobre temas relevantes.

Materiais para a organização do Projeto Paz e Meu Bairro, já em andamento na Argentina, também serão encaminhados às igrejas pela Secretaria Regional do Clai. O objetivo é reunir igrejas e organizações populares nos bairros

para ações em favor da paz e das boas relações de vizinhança. Entre essas atividades estão mutirões, campanhas de erradicação da dengue, pressão sobre órgãos públicos para atender às necessidades de limpeza e higiene públicas, iniciativas em favor do centro de saúde ou escola pública local. Para o projeto, ações de solidariedade em um bairro ajudam a criar melhores relações de vizinhança, um bom começo para a construção da paz.

Começa em abril o V Curso de Aprofundamento para as Promotoras Legais Populares (PLPs), do Ceca. Esse curso busca aprofundar temas relevantes no trabalho das promotoras, como questões relacionadas com a saúde pública e à violência contra a mulher.

Está em fase de organização a 6ª edição do **Curso Ecumênico de Pastoral Popular**, também conhecido

do por Curso de Verão, promovido pelo Ceca. O curso será realizado em Passo Fundo, de 1º e 4 de maio, com o tema "Dignidade Humana, Justiça e Trabalho – Construindo a Paz, Celebrando a Vida". O objetivo é relacionar esse tema com a superação da violência. Debater questões relativas ao trabalho e a dignidade humana contribui para a construção de uma cultura de paz.

Em 2003, a Cese comemora trinta anos de trabalho em prol de um Brasil melhor para todos. Este ano a Cese elegeu, como eixos orientadores de suas atividades, os temas da violência e da fome. Sua campanha anual **Primavera para a Vida** acontecerá de 22 a 28/9, e estará mais uma vez tematizando a violência e a construção de uma cultura de paz. O kit com o material da campanha está sendo elaborado e em breve estará à disposição. A Cese



DIGNIDADE HUMANA E PAZ

espera que grupos comunitários, escolas, associações e comunidades religiosas continuem sendo núcleos de repercussão das propostas da campanha em todo o país.

O curso de formação do projeto **Aids e Igrejas**, de Koinonia, conta com vinte participantes, homens e mulheres, de diferentes tradições religiosas. Iniciado em 2002, o curso pretende capacitar multiplicadores para o desenvolvimento do tema com adolescentes, jovens e adultos, seja nas igrejas seja em instituições ou associações. Em junho, o projeto promove o III Encontro de Mulheres do Vale do Paraíba, com o objetivo de sensibilizar de oitenta a cem mulheres para a questão da Aids.

Mapear as iniciativas evangélicas na área social, trocar informações e buscar o envolvimento dos evangélicos na formulação das políticas públicas sociais. Esses são os objetivos da recém-criada **Rede Evangélica de Ação Social**. Ao lado de outras

oito organizações, Koinonia participa da coordenação provisória, que vai implantar a Rede e buscar sua consolidação no Brasil. Um primeiro levantamento cadastrou mais de mil organismos evangélicos de ação social com atuação no Brasil em diversas frentes de ajuda, de apoio social e espiritual aos necessitados. A decisão de fundar a Rede foi tomada na 1ª Consulta das Organizações Evangélicas de Ação Social, no mês de março, em São Paulo. Foram ainda definidos os objetivos, os princípios éticos e as propostas que vão nortear as organizações evangélicas e suas ações na Rede.

Promovido pelo Cesep há dezenas de anos, sempre em maio, o **Curso Latino-Americano para Militantes Cristãos** aborda este ano o tema "Cultura e sociedade global, conflitos multiculturais e sociedade contemporânea". Os 39 participantes de onze países, representando dezenas de centros de educação de todo o continente, vão debater os dispositivos da

dominação, as ameaças às diferentes identidades culturais e, particularmente, o "pensamento único" atualmente imperante. Entre os assessores estão Rosa Maria Alfaro, Mauro Wilton de Souza, Jung Mo Sung, Sergio Haddad, Gilberto Carvalho, Marina Silva e Leonardo Boff.

O Cesep, em parceria com Mofic, Clai, Koinonia e com o apoio do Conic, oferece um curso de ecumenismo para a América Latina e o Caribe em julho. Em tempo integral, terá como tema "Redescobrir o sagrado no encontro entre as culturas". Líderes de diferentes famílias religiosas – pastores, pastoras, padres, monges, xeiques e rabinos – estarão entre os assessores.

Esse fecundo intercâmbio e diálogo inter-religioso favorecem a superação dos preconceitos e intolerâncias recíprocos. O esforço é que a experiência dos líderes de igrejas e templos possa ocorrer, de forma fecunda, entre os fiéis de todos os credos.

NOMES E SIGLAS

Ceca – Centro Ecumênico de Evangelização Capacitação e Assessoria

Cese – Coordenadoria Ecumênica de Serviço

Cesep – Centro Ecumênico de Serviço à Evangelização e Educação Popular

Clai – Conselho Latino-Americano das Igrejas

Conic – Conselho Nacional de Igrejas Cristãs do Brasil

Koinonia Presença Ecumênica e Serviço

Mofic – Movimento de Fraternidade das Igrejas Cristãs

Índice de Tempo e Presença

2002

AUTORES

- AKCELRUD, Alex. *Terra Santa – ódio e apartheid palestino*. 24(321): jan./fev., 26-27.
_____. *A Palestina não é só Islã*. 24(324): jul./ago., 19-21.
ALVES, Rubem. *Fora da beleza não há salvação...* 24(324): jul./ago., 41-42.
_____. *Os três reis*. 24(321): jan./fev., 33-34.
_____. *Petrus*. 24(325): set./out., 41-42.
_____. *Corpus Christi*. 24(322): mar./abr., 41-42.
_____. *...su cadáver estaba lleno de mundo*. 24(326): nov./dez., 32-34.
_____. *Anjos*. 24(323): mai./jun., 41-42.
ARANTES, Esther Maria de M. *Adolescentes e drogas*. 24(324): jul./ago., 24-26.
AZEVEDO, Carlos. *Meios de comunicação: armas de guerra*. 24(322): mar./abr., 34-36.
BANDEIRA, Luiz Alberto Moniz. *Interesses norte-americanos na crise argentina*. 24(325): set./out., 25-27.
BASSEGIO, Luiz. *Plebiscito: mais de 10 milhões dizem não à Alca*. 24(325): set./out., 37-38.
BRAGA, Oswaldo. *Um vírus contra os tabus*. 24(326): nov./dez., 12-13.
BRUNAZO FILHO, Amílcar. *Um país do "Zerésmo" Mundo* 24(325): set./out., 31-33.
CÉSAR, Waldo. *Surpreendido pela graça*. 24(326): nov./dez., 29-31.
CESE: CONIC: CLAI. *Mensagem de reflexão e orientação sobre as eleições de 2002*. 24(324): jul./ago., 44.
CORRÉA, José de Anchieta. *Corpo, invenção de minha história*. 24(322): mar./abr., 7-10.
DELGADO, Ignácio Godinho. *Mercado, nação e proteção social*. 24(325): set./out., 11-15.
FANTAZZINI, Orlando. *Comunicação como direito humano*. 24(323): mai./jun., 31-34.
FERNANDES, Marisa. *Lesbianismo no Brasil*. 24(326): nov./dez., 17-20.
FERREIRA, Alcino & LIZANA, Clemente. *Corporeidade, ternura e alegria*. 24(322): mar./abr., 20-22.
FONSECA, Alexandre Brasil. *Jovens, evangélicos e eleições*. 24(321): jan./fev., 20-23.

- FONTANELLA, Francisco Cock. *Resgatar o humano*. 24(322): mar./abr., 14-16.
FRAGA, Paulo Cesar Pontes. *Violência no Brasil e vínculos com a organização criminal*. 24(323): mai./jun., 13-17.
FREITAS DOS SANTOS, Regina Coeli. *...metades complementares... Desumanos por inteiro...* 24(322): mar./abr., 26-27.
GEBARA, Ivone. *Sexualidade: um desafio ao pensamento*. 24(326): nov./dez., 21-23.
_____. *Caminho da Torre, caminho das aldeias*. 24(322): mar./abr., 28-29.
_____. *Violência: quem és?* 24(323): mai./jun., 38.
_____. *Sobre religiões e divisões*. 24(324): jul./ago., 22-24.
_____. *Um tempo passado e um tempo presente*. 24(321): jan./fev., 24-25.
_____. *Desordem e ordem: uma tentativa de coexistência*. 24(325): set./out., 29-30.
GREEN, James. *"Mais amor e mais tesão"* 24(326): nov./dez., 14-16.
GRZYBOWSKI, Cândido. *Sonhar é possível e necessário*. 24(325): set./out., 23-24.
IULIANELLI, Jorge Atílio Silva. *Crise do estado de direito: o comum nos crimes comuns*. 24(324): jul./ago., 33-36.
_____. *A corajosa necessidade de ser jovem*. 24(321): jan./fev., 11-15.
LIMA JUNIOR, José. *Umbigo: substantivo feminino*. 24(322): mar./abr., 17-19.
LIZANA, Clemente & FERREIRA, Alcino. *Corporeidade, ternura e alegria*. 24(322): mar./abr., 20-22.
LOPES, Sérgio Marcus Pinto. *Ecumenismo e corpo*. 24(322): mar./abr., 11-12.
MESSARI, Nizar. *Islã e Ocidente*. 24(324): mai./jun., 13-15.
MISSE, Michel. *O movimento: redes do mercado de drogas*. 24(323): mai./jun., 7-12.
MONTENEGRO, Silvia M. *"Islam negro" – muçulmanos no Brasil*. 24(326): nov./dez., 24-26.
MORAIS, Christian. *O racismo cordial está aí*. 24(321): jan./fev., 28-29.
MORELLI, Mauro. *A violência da fome*. 24(323): mai./jun., 21-23.
OLIVEIRA, Eduardo Henrique Pereira de. *E a lua vem da Ásia – negros islâmicos*. 24(324): mai./jun., 16-18.
OLIVEIRA, Vitória Peres de. *Islã: submissão a Deus*. 24(324): jul./ago., 7-12.
PEREIRA JUNIOR, Almir. *Na defesa de elos que não se rompam: cidadania (homos)sexual*. 24(326): nov./dez., 7-9.
_____. *As cores da homossexualidade*. 24(326): nov./dez.
PEREIRA, Joana Santos. *O enredo das redes de jovens*. 24(321): jan./fev., 7-10.
LASSAT, Xavier. *Trabalho escravo: vidas roubadas*. 24(323): mai./jun., 18-20.
RIBEIRO, Ana Maria Motta et alli. *"Desagriculturalização" e exclusão social*. 24(323): mai./jun., 26-30.
SADER, Emir. *América Latina, adeus?* 24(325): set./out., 28.
SAMPAIO, Plínio de Arruda. *Um balanço político de 2001*. 24(321): jan./fev., 31-32.
SERRA, Ordep. *Candomblé e intolerância religiosa*. 24(323): mai./jun., 24-25.
SILVA, Quitéria Maria Ferreira da. *Juventude no campo – ousadias*. 24(321): jan./fev., 16-19.
SOUZA, Anselmo. *Um duro golpe nos trabalhadores*. 24(323): mai./jun., 35-36.
SOUZA, Marcelo Gustavo Andrade de. *Educação, diferença e tolerância*. 24(322): mar./abr., 30-33.
SOUZA, Sandra Duarte de. *Corpo de mulher e violência simbólica*. 24(322): mar./abr., 23-25.
VEIGA, José Eli da. *Brasil rural para além da agropecuária*. 24(321): jan./fev., 30-31.
VILLA, Rafael Duarte. *O enfant terrible da política externa latino-americana*. 24(325): set./out., 16-21.
ZIBECHI, Raúl. *América Latina depois das Torres*. 24(325): set./out., 7-10.

TEMAS

AÇÃO SOCIAL E CIDADANIA

- PRIMAVERA para a Vida 2002: solidariedade e paz. 24(325): set./out., 34-36.
48 DENOMINAÇÕES e organizações Cristãs enviam carta ao presidente Bush opondo-se à guerra contra o Iraque. 24(325): set./out., 44.
BASSEGIO, Luiz. *Plebiscito: mais de 10 milhões dizem não à Alca*. 24(325): set./out., 37-38.
BRUNAZO FILHO, Amílcar. *Um país do "Zerésmo" Mundo* 24(325): set./out., 31-33.
CESE: CONIC: CLAI. *Mensagem de reflexão e orientação sobre as eleições de 2002*. 24(324): jul./ago., 44.
GRZYBOWSKI, Cândido. *Sonhar é possível e necessário*. 24(325): set./out., 23-24.

KOINONIA. *Do formalismo jurídico como dissimulação autoritária*. 24(325): set./out., 6.

_____. *Narconegócio, dependência e violência: desafio permanente*. 24(322): mar./abr., 6.

_____. *Direitos, direitos, direitos...* 24(326): nov./dez., 6.

_____. *II Forum Social Mundial: ética de solidariedade por um novo mundo*. 24(321): jan./fev., 6.

PEREIRA JUNIOR, Almir. *Na defesa de elos que não se rompam: cidadania (homos) sexual*. 24(326): nov./dez., 7-9.

_____. *As cores da homossexualidade*. 24(326): nov./dez.

SAMPAIO, Plínio de Arruda. *Um balanço político de 2001*. 24(321): jan./fev., 31-32.

COMUNICAÇÃO

AZEVEDO, Carlos. *Meios de comunicação: armas de guerra*. 24(322): mar./abr., 34-36.

FANTAZZINI, Orlando. *Comunicação como direito humano*. 24(323): mai./jun., 31-34.

CORPO E ÉTICA

ALVES, Rubem. *Corpus Christi*. 24(322): mar./abr., 41-42.

FERREIRA, Alcino & LIZANA, Clemente. *Corporeidade, ternura e alegria*. 24(322): mar./abr., 20-22.

FONTANELLA, Francisco Cock. *Resgatar o humano*. 24(322): mar./abr., 14-16.

FREITAS DOS SANTOS, Regina Coeli. "...metades complementares... Desumanos por inteiro..." 24(322): mar./abr., 26-27.

GEBARA, Ivone. *Sexualidade: um desafio ao pensamento*. 24(326): nov./dez., 21-23.

LIMA JUNIOR, José. *Umbigo: substantivo feminino*. 24(322): mar./abr., 17-19.

LOPES, Sérgio Marcus Pinto. *Ecumenismo e corpo*. 24(322): mar./abr., 11-12.

SOUZA, Sandra Duarte de. *Corpo de mulher e violência simbólica*. 24(322): mar./abr., 23-25.

ECUMENISMO

PRIMAVERA para a Vida 2002: solidariedade e paz. 24(325): set./out., 34-36.

48 DENOMINAÇÕES e organizações Cristãs enviam carta ao presidente Bush opondo-se à guerra contra o Iraque. 24(325): set./out., 44.

CESE: CONIC: CLAI. *Mensagem de refle-*

xão e orientação sobre as eleições de 2002. 24(324): jul./ago., 44.

_____. *Ecumenismo: um sonho inacabado*. 24(323) – Suplemento: mai./jun., 8 p.

_____. *Da missão ecumênica*. 24(323): mai./jun., 6.

_____. *Laços de compromissos*. 24(324): jul./ago., 37-38.

_____. *O respeito pelo Outro*. 24(324): jul./ago., 6.

LOPES, Sérgio Marcus Pinto. *Ecumenismo e corpo*. 24(322): mar./abr., 11-12.

SERRA, Ordep. *Candomblé e intolerância religiosa*. 24(323): mai./jun., 24-25.

SOUZA, Marcelo Gustavo Andrade de. *Educação, diferença e tolerância*. 24(322): mar./abr., 30-33.

ESPIRITUALIDADE

ALVES, Rubem. *Fora da beleza não há salvação...* 24(324): jul./ago., 41-42.

_____. *Os três reis*. 24(321): jan./fev., 33-34.

_____. *Petrus*. 24(325): set./out., 41-42.

_____. *Corpus Christi*. 24(322): mar./abr., 41-42.

_____. "...su cadáver estaba lleno de mundo". 24(326): nov./dez., 32-34.

_____. *Anjos*. 24(323): mai./jun., 41-42.

CÉSAR, Waldo. *Surpreendido pela graça*. 24(326): nov./dez., 29-31.

FERREIRA, Alcino & LIZANA, Clemente. *Corporeidade, ternura e alegria*. 24(322): mar./abr., 20-22.

FONTANELLA, Francisco Cock. *Resgatar o humano*. 24(322): mar./abr., 14-16.

FREITAS DOS SANTOS, Regina Coeli. "...metades complementares... Desumanos por inteiro..." 24(322): mar./abr., 26-27.

GEBARA, Ivone. *Sexualidade: um desafio ao pensamento*. 24(326): nov./dez., 21-23.

_____. *Caminho da Torre, caminho das aldeias*. 24(322): mar./abr., 28-29.

_____. *Violência: quem és?* 24(323): mai./jun., 38.

_____. *Sobre religiões e divisões*. 24(324): jul./ago., 22-24.

_____. *Um tempo passado e um tempo presente*. 24(321): jan./fev., 24-25.

_____. *Desordem e ordem: uma tentativa de coexistência*. 24(325): set./out., 29-30.

HOMOSSEXUALIDADE

BRAGA, Oswaldo. *Um vírus contra os tatus*. 24(326): nov./dez., 12-13.

FERNANDES, Marisa. *Lesbianismo no Brasil*. 24(326): nov./dez., 17-20.

GREEN, James. *"Mais amor e mais tesão"*. 24(326): nov./dez., 14-16.

PEREIRA JUNIOR, Almir. *Na defesa de elos que não se rompam: cidadania (homos) sexual*. 24(326): nov./dez., 7-9.

_____. *As cores da homossexualidade*. 24(326): nov./dez.

IGREJAS

PRIMAVERA para a Vida 2002: solidariedade e paz. 24(325): set./out., 34-36.

48 DENOMINAÇÕES e organizações Cristãs enviam carta ao presidente Bush opondo-se à guerra contra o Iraque. 24(325): set./out., 44.

ENCONTRO INTERNACIONAL PARA A RENOVAÇÃO DA IGREJA CATÓLICA. *Uma outra Igreja é possível*. 24(326): nov./dez., 35.

FONSECA, Alexandre Brasil. *Jovens, evangélicos e eleições*. 24(321): jan./fev., 20-23.

FONTANELLA, Francisco Cock. *Resgatar o humano*. 24(322): mar./abr., 14-16.

FRAGA, Paulo Cesar Pontes. *Violência no Brasil e vínculos com a organização criminal*. 24(323): mai./jun., 13-17.

KOINONIA. *Laços de compromissos*. 24(324): jul./ago., 37-38.

ISLAMISMO

AKCELIRD, Alex. *Terra Santa – ódio e apartheid palestino*. 24(321): jan./fev., 26-27.

_____. *A Palestina não é só Islã*. 24(324): jul./ago., 19-21.

MESSARI, Nizar. *Islã e Ocidente*. 24(324): mai./jun., 13-15.

MONTENEGRO, Silvia M. *"Islam negro" – muçulmanos no Brasil*. 24(326): nov./dez., 24-26.

MST/Direção Nacional. *O conflito do Oriente Médio e o MST*. 24(322): mar./abr., 44.

OLIVEIRA, Eduardo Henrique Pereira de. *E a lua vem da Ásia – negros islâmicos*. 24(324): mai./jun., 16-18.

OLIVEIRA, Vitória Peres de. *Islã: submissão a Deus*. 24(324): jul./ago., 7-12.

JUVENTUDE

ARANTES, Esther Maria de M. *Adolescentes e drogas*. 24(324): jul./ago., 24-26.

FONSECA, Alexandre Brasil. *Jovens, evangélicos e eleições*. 24(321): jan./fev., 20-23.

IULIANELLI, Jorge Atílio Silva. *A corajosa necessidade de ser jovem*. 24(321): jan./fev., 11-15.

PEREIRA, Joana Santos. *O enredo das redes de jovens*. 24(321): jan./fev., 7-10.

SILVA, Quitéria Maria Ferreira da. *Juventude no campo – ousadias*. 24(321): jan./fev., 16-19.

SOUZA, Anselmo. *Um duro golpe nos trabalhadores*. 24(323): mai./jun., 35-36.

SOUZA, Marcelo Gustavo Andrade de. *Educação, diferença e tolerância*. 24(322): mar./abr., 30-33.

NARCÓTICOS

ARANTES, Esther Maria de M. *Adolescentes e drogas*. 24(324): jul./ago., 24-26.

IULIANELLI, Jorge Atílio Silva. *Crise do estado de direito: o comum nos crimes comuns*. 24(324): jul./ago., 33-36.

KOINONIA. *Narconegócio, dependência e violência: desafio permanente*. 24(322): mar./abr., 6.

MISSE, Michel. *O movimento: redes do mercado de drogas*. 24(323): mai./jun., 7-12.

NEOLIBERALISMO

BANDEIRA, Luiz Alberto Moniz. *Interesses norte-americanos na crise argentina*. 24(325): set./out., 25-27.

BASSEGIO, Luiz. *Plebiscito: mais de 10 milhões dizem não à Alca*. 24(325): set./out., 37-38.

DELGADO, Ignácio Godinho. *Mercado, nação e proteção social*. 24(325): set./out., 11-15.

GRZYBOWSKI, Cândido. *Sonhar é possível e necessário*. 24(325): set./out., 23-24.

SADER, Emir. *América Latina, adiós?* 24(325): set./out., 28.

SAMPAIO, Plínio de Arruda. *Um balanço político de 2001*. 24(321): jan./fev., 31-32.

VILLA, Rafael Duarte. *O enfant terrible da política externa latino-americana*. 24(325): set./out., 16-21.

ZIBECHI, Raúl. *América Latina depois das Torres*. 24(325): set./out., 7-10.

POLÍTICA INTERNACIONAL

48 DENOMINAÇÕES e organizações Cris-tãs enviam carta ao presidente Bush

opondo-se à guerra contra o Iraque. 24(325): set./out., 44.

AKCELRUD, Alex. *Terra Santa – ódio e apartheid palestino*. 24(321): jan./fev., 26-27.

_____. *A Palestina não é só Islã*. 24(324): jul./ago., 19-21.

GRZYBOWSKI, Cândido. *Sonhar é possível e necessário*. 24(325): set./out., 23-24.

VILLA, Rafael Duarte. *O enfant terrible da política externa latino-americana*. 24(325): set./out., 16-21.

ZIBECHI, Raúl. *América Latina depois das Torres*. 24(325): set./out., 7-10.

QUESTÕES DE NEGRITUDE

KOINONIA. *Do formalismo jurídico como dissimulação autoritária*. 24(325): set./out., 6.

MONTENEGRO, Silvia M. *"Islam negro" – muçulmanos no Brasil*. 24(326): nov./dez., 24-26.

MORAIS, Christian. *O racismo cordial está aí*. 24(321): jan./fev., 28-29.

VIOLÊNCIA

48 DENOMINAÇÕES e organizações Cris-tãs enviam carta ao presidente Bush opondo-se à guerra contra o Iraque. 24(325): set./out., 44.

AKCELRUD, Alex. *Terra Santa – ódio e apartheid palestino*. 24(321): jan./fev., 26-27.

_____. *A Palestina não é só Islã*. 24(324): jul./ago., 19-21.

ARANTES, Esther Maria de M. *Adolescentes e drogas*. 24(324): jul./ago., 24-26.

AZEVEDO, Carlos. *Meios de comunicação: armas de guerra*. 24(322): mar./abr., 34-36.

FRAGA, Paulo Cesar Pontes. *Violência no Brasil e vínculos com a organização criminal*. 24(323): mai./jun., 13-17.

GEBARA, Ivone. *Violência: quem é?* 24(323): mai./jun., 38.

IULIANELLI, Jorge Atílio Silva. *Crise do estado de direito: o comum nos crimes comuns*. 24(324): jul./ago., 33-36.

_____. *A corajosa necessidade de ser jovem*. 24(321): jan./fev., 11-15.

KOINONIA. *Narconegócio, dependência e violência: desafio permanente*. 24(322): mar./abr., 6.

MORELLI, Mauro. *A violência da fome*. 24(323): mai./jun., 21-23.

MST/Direção Nacional. *O conflito do Oriente Médio e o MST*. 24(322): mar./abr., 44.

LASSAT, Xavier. *Trabalho escravo: vidas roubadas*. 24(323): mai./jun., 18-20.

RIBEIRO, Ana Maria Motta et alli. *"Desagriculturalização" e exclusão social*. 24(323): mai./jun., 26-30.

SERRA, Ordep. *Candomblé e intolerância religiosa*. 24(323): mai./jun., 24-25.

SILVA, Quitéria Maria Ferreira da. *Juventude no campo – ousadias*. 24(321): jan./fev., 16-19.

SOUZA, Marcelo Gustavo Andrade de. *Educação, diferença e tolerância*. 24(322): mar./abr., 30-33.

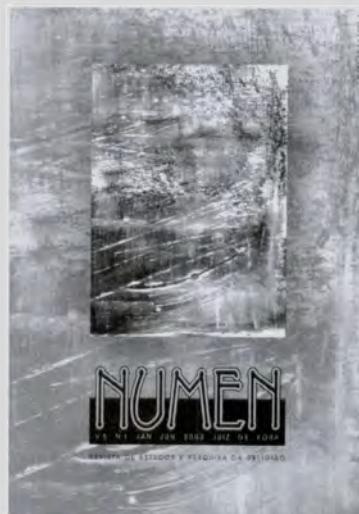
SOUZA, Sandra Duarte de. *Corpo de mulher e violência simbólica*. 24(322): mar./abr., 23-25.

ZIBECHI, Raúl. *América Latina depois das Torres*. 24(325): set./out., 7-10.

Seja assinante da *Numen*

Publicada pela Editora da Universidade Federal de Juiz de Fora, *Numen* é uma revista de estudos e pesquisa da religião, destinada à divulgação das pesquisas nas áreas de estudo em Ciência da Religião.

O Conselho Editorial está aberto a apreciar colaborações dos leitores para possível publicação, além de aceitar críticas, sugestões e permutas para divulgação da revista, que tem periodicidade semestral.



Para receber *Numen*, favor enviar cheque nominal de R\$ 20 (vinte reais) à Editora da Universidade Federal de Juiz de Fora, Juiz de Fora (MG), CEP 36036-330. Informe nome, endereço completo para correspondência, CNPJ ou CPF, profissão, área de interesse em Ciência da Religião. Solicitamos ainda assinar o pedido. O valor confere ao assinante o direito de receber 2 (dois) números da revista.

MENSAGEM

Reunidos na cidade de Buenos Aires, Argentina, jovens participantes do Seminário Continental de Juventude, provenientes de catorze países, celebrando a vida em harmonia e união, refletimos sobre o processo de globalização que afeta os nossos povos.

Definimos globalização como um processo de interconexão financeira, econômica, social, política e cultural que atende aos interesses de uma minoria; acelerado pela facilidade das comunicações no contexto de uma vitória política do capitalismo (queda do bloco soviético) e na ordem cultural do eclipse das ideologias. Como cidadãos deste mundo estamos sofrendo as consequências desta globalização capitalista, que até agora nos trouxe exclusão, desemprego, perda de identidade cultural, consumismo, má distribuição da riqueza e crise ecológica, entre outras calamidades.

Como jovens cristãos, cremos que esta terra habitada, esta *oikoumene* é a casa de Deus, o Bom Pastor da Humanidade (Salmo 23) e Ele dispôs em sua Providência todas as coisas para todos sem exclusões; de maneira tal que “ninguém considerava seu o que possuía” (Atos 4.32b).

A transnacionalização da economia mundial, com empresas que se movem livremente pelo planeta buscando a mão-de-obra mais barata, o meio ambiente menos protegido por leis e regulamentos, o regime fiscal mais favorável, ou os subsídios mais generosos, tem provocado, cada vez mais, a degradação das condições de vida de nossos irmãos e irmãs do mundo, acrescentando-se os processos de pauperização dos mais pobres, para os quais a vida, em vez de ser um dom de Deus, transformou-se em uma verdadeira tragédia.

A dívida dos países subdesenvolvidos é uma odiosa realidade na qual as relações internacionais, em vez de estar pautadas pelo espírito de cooperação e solidariedade, são marcadas pela dominação, escravização e subordinação. Isto faz com que nós, jovens, vivamos com dor uma grande injustiça: a migração de divisas dos países devedores (pobres) para os credores, enquanto nossos povos morrem de fome e de enfermidades evitáveis, físicas e sociais. A dívida tem facilitado a imposição de políticas de privatização dos Serviços Sociais públicos e de desregulação da economia. Esta situação nos priva de um futuro como jovens, gerando em nós frustração e violência.

O neoliberalismo foi proclamado como única saída da miséria em que vivem nossos povos. Como jovens gritamos por outro mundo que não seja neoliberal, sustento principal desta globalização, e reclamamos o direito de sonhar e ter visões, dons que este sistema nos nega.

O Evangelho nos ensina que temos de lutar pela liberdade dos oprimidos (Lucas 4.18). Por isso, nem os nossos povos sofredores nem o nosso Senhor Jesus Cristo nos permitem aceitar a realidade desta globalização. O apóstolo Paulo nos adverte: “Vós fostes chamados à liberdade; irmãos. Entretanto que a liberdade não sirva de pretexto para a carne, mas, pela caridade, colocai-vos a serviço uns dos outros (...) mas se vos mordeis e vos devorais reciprocamente, cuidado, não aconteça que vos eliminai uns aos outros (Gálatas 5.13-15), ensinando-nos que é pelo mau uso de sua liberdade que o ser humano transformou a Criação em um autêntico vale das sombras. Deus nos

convida a construir um mundo diferente amando o nosso próximo como a nós mesmos, e por isso nos comprometemos a enfrentar, com ações práticas e dinâmicas de ação reais, os seguintes desafios em nossas comunidades de fé em nossos países:

1. Diante de um sistema que destrói identidades e solapa as minorias, somos convocados a recuperar a memória histórica de nossos povos, já que, sem memória, assim como sem projeto, não há futuro. Para isso se poderia criar uma rede continental de instituições educativas que se reorientem para a reafirmação de cada identidade cultural e história popular.
2. Diante da lógica da economia capitalista, em que predomina o mais forte, clamamos as economias solidárias e as cooperativas alternativas como via de desenvolvimento.
3. Queremos fortalecer a missão das igrejas de fazer outro mundo possível. Para tanto, propomos a realização de um Fórum Ecumênico que ponha seu foco sobre alternativas econômicas ao neoliberalismo e à globalização capitalista. Este Fórum poderá ser realizado no marco da Assembléia do CMI, programada para 2006. E recebemos com alegria a notícia de que esta Assembléia se realizará em Porto Alegre, o que nos enche de expectativa.
4. Diante da fragmentação social provocada por relações injustas impostas a nós, as igrejas cristãs podem trabalhar unidas entre si e com os múltiplos movimentos sociais comprometidos com a vida humana nesta terra, em uma iniludível vocação ecumênica.
5. Ante o desequilíbrio das multidões de pessoas que enchem hoje os templos e centros religiosos, sem que isso implique uma mudança substancial na sociedade, somos chamados a realizar uma profunda tarefa de evangelização e formação em nossas igrejas, unindo a experiência espiritual com a vida cotidiana. Para isso poder-se-ia gerar, por parte de CMI, CLAI ou outras organizações ecumênicas, o desenvolvimento do material educativo popular para jovens sobre temas vitais como: globalização, economia, cidadania.
6. Resulta vital para nossas comunidades a construção de uma verdadeira “Doutrina Social Cristã” que expresse os fundamentos cristãos de uma sociedade cientificamente sistematizada, baseada no Evangelho; que ilumine não só o seio das comunidades-igrejas, mas também nossas instituições educativas e seus egressos, nosso leigos e jovens que tornarão presente a voz da Igreja em seus locais de ação cotidiana, no político, social, econômico e cultural.

Finalmente, unidos por nosso único Pai, irmãos por nosso Senhor Jesus Cristo e desfrutando do Espírito Santo, os jovens deste Seminário nos exortamos a todos a “andar pelo mundo, com fé e esperança”. Uma esperança que descansa na convicção de que nossos esforços não serão em vão, fortalecida pela fé, fé que nos move a lutar pela defesa da vida nesta terra, todos os dias até o fim.

Conselho Latino-Americano de Igrejas – Clai

Conselho Mundial de Igrejas – CMI

Seminário Continental de Juventude – Juventude e Globalização: Fé e Esperança Viva

Buenos Aires, Argentina, 24-27 de abril de 2003